

A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

O ENSINO DA ARTE NA
EEEFM JUDITH DA SILVA GÓES COUTINHO

JULLIANA DE OLIVEIRA AMORIM GOMES

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

JULLIANA DE OLIVEIRA AMORIM GOMES

**A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: O ENSINO DA ARTE
NA EEEFM JUDITH DA SILVA GÓES COUTINHO**

VITÓRIA

2021

JULLIANA DE OLIVEIRA AMORIM GOMES

**A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: O ENSINO DA ARTE
NA EEEFM JUDITH DA SILVA GÓES COUTINHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Julia Rocha Pinto

VITÓRIA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES

**ATA DE DEFESA REMOTA DE TRABALHO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Ao sétimo dia do mês de outubro do ano de 2021, realizou-se via web-conferência, a sessão pública de defesa do Trabalho de Graduação intitulado ***A mediação cultural como prática pedagógica: O ensino da arte na EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho*** de autoria da(o) estudante ***Julliana de Oliveira Amorim Gomes***, matrícula 2016204496, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais, conforme Resolução n.º 04/92 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo.

Os trabalhos foram instalados às 18 horas pela Presidente da Banca Examinadora e Orientadora Professora Dra. **Julia Rocha Pinto**. A Banca Examinadora foi constituída pela Presidente e pelos seguintes Membros: Professor Dr. Erick Orloski e Professora Dra. Valéria Peixoto de Alencar. A Banca examinadora passou à arguição pública da estudante e encerrados os trabalhos de arguição às 19 horas, os examinadores deram o parecer final sobre o trabalho conclusivo, tendo sido atribuídas as notas e proclamados os resultados pela Profa. Dra. Julia Rocha Pinto, Presidente da Banca Examinadora, sendo então encerrados os trabalhos e lavrada a presente ata que será assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Vitória, 7 de outubro de 2021

Profa. Dra. Julia Rocha Pinto

Nota: (10,0) assinatura: _____

Profa. Dra. Erick Orloski

Nota: (10,0) assinatura: _____

Profa. Dra. Valéria Peixoto de Alencar

Nota: (10,0) assinatura: Valéria Peixoto de Alencar

Média Final: (10,0) Dez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por JULIA ROCHA PINTO - SIAPE 2402327 Departamento de Linguagens, Cultura e Educação - DLCE/CE Em 08/10/2021 às 16:50

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/284792?tipoArquivo=0>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por ERICK ORLOSKI - SIAPE 3003423 Departamento de Artes Visuais - DAV/Car Em 08/10/2021 às 19:53

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/284950?tipoArquivo=0>

Dedico este trabalho a Luiz Kleber Menez de Amorim (in memorian), por acreditar que a educação seria o maior investimento na vida de sua filha. Saudades eternas!

Ao meu aluno do ensino médio da EEEFM Judith da Silva Góes coutinho Deivid Jercey (in memorian), obrigada pelas partilhas sinceras!

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo o meu existir e por ser meu alicerce.

Aos meus pais, Luiz Kleber Menezes de Amorim e Emília Telma de Oliveira Amorim, por sempre me apoiarem e terem sido os pilares da minha formação.

Aos meus irmãos, familiares e ao meu padrasto, por sempre acreditarem em meu potencial.

Ao meu esposo e ao meu filho, pela compreensão, apoio e força durante esses anos de recomeço acadêmico, me incentivando nos momentos difíceis enquanto eu me dedicava à realização desta pesquisa.

Aos diretores da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho, pelo apoio e possibilitarem a realização desta pesquisa.

À equipe da área de Linguagens da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho, minha gratidão por juntos realizarmos tantas experimentações estéticas na escola.

Aos meus alunos que foram meus pares durante este processo investigativo, sem eles esta pesquisa não seria possível.

À escola pública, por ser meu espaço de trabalho, pesquisa e resistência, onde perseverei na luta por uma educação de qualidade.

Ao Grupo de Pesquisa Entre educação e arte contemporânea, por ter oportunizado tantas reflexões e debates que enriqueceram a escrita desta pesquisa.

Ao Coletivo Laboratório de Educação Museal, por me ajudar a estabelecer conexões de aprendizagem artística nos espaços culturais capixabas.

Ao Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência, por expandir e me ajudar a construir uma nova perspectiva docente.

À minha professora e orientadora Julia Rocha, por ter potencializado meu olhar sobre o ensino da arte, por ter me instigado a ir mais além na escrita e na pesquisa e por ter sido uma fonte de aprendizado tão significativo durante todo processo de reflexão, análise e construção desta pesquisa, a ela o meu muito obrigada!

À Milena Espinoza Maurtua, pela dedicação e parceria na elaboração e formatação artística deste trabalho.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desta pesquisa.

Aos professores do curso de Artes Visuais Licenciatura, pelas partilhas dialógicas que contribuíram para o enriquecimento da minha formação acadêmica.

À Universidade Federal do Espírito Santo, por todo aprendizado e formação profissional, gratidão!

Ponta da Fruta

*Nascida pronta pra luta
cheia de beleza e ternura
onde a harmonia incendeia
na Praia da Baleia*

*Ponta da Fruta
lugar marcado por muita
labuta
comerciantes e pescadores
estão sempre na luta e como
recompensa da sua beleza
desfruta*

*Ponta da Fruta
onde mora a alegria
onde há felicidade noite e dia
onde ser feliz vira mania*

*Jennifer Cardoso, aluna da EEEFM
Judith da Silva Góes Coutinho.*

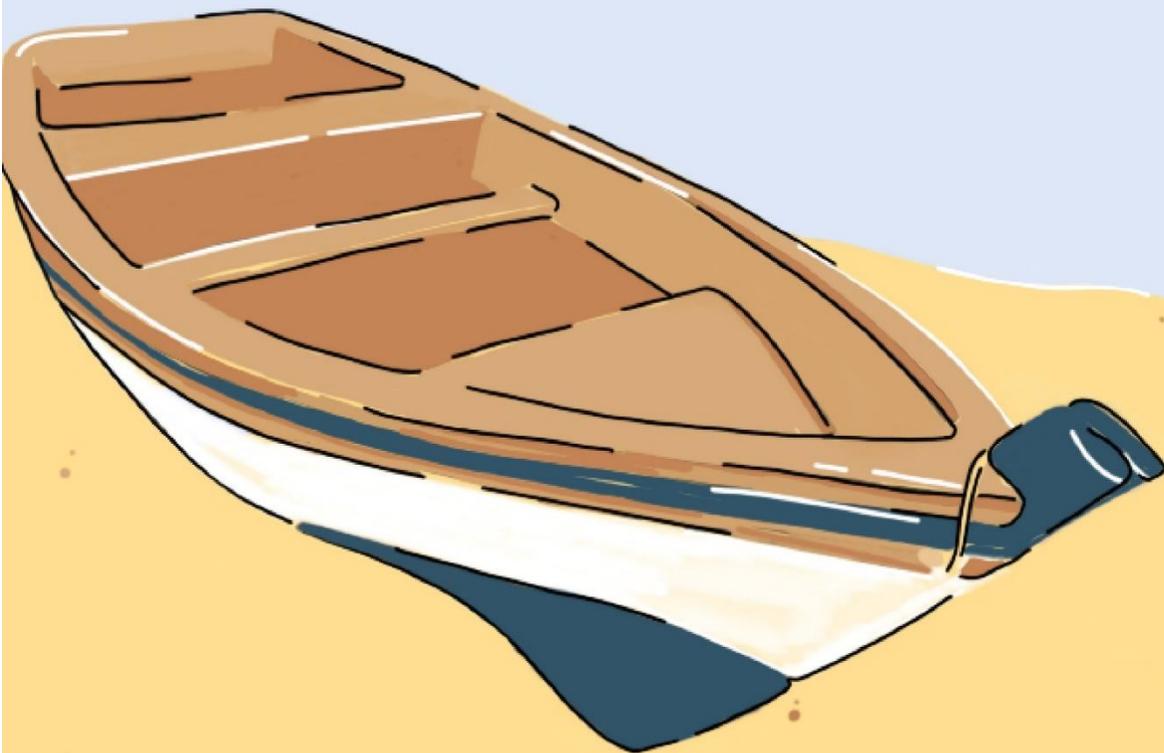


Imagem 2: O barco de pescadores da Ponta da Fruta. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco a mediação cultural enquanto prática pedagógica no ensino da Arte. Através de uma narrativa pessoal sobre a docência escolar, apresento inquietações advindas da minha experiência profissional enquanto professora de arte: De que forma arte/educadores podem colaborar para a formação e ampliação do repertório cultural e artístico dos seus alunos? Como as saídas do espaço escolar e as conexões com outras instituições podem ampliar a minha relação e a dos meus educandos com a arte? A mediação cultural apresenta contribuições na formação do repertório estético, artístico e cultural dos educandos da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho? Em vista disso, investigou-se as potencialidades da mediação cultural e as suas contribuições na formação do repertório estético, artístico e cultural dos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Judith da Silva Góes Coutinho. Para responder estas questões foram realizadas entrevistas e questionários investigativos como fonte de coleta de dados, bem como, a análise da mediação cultural como prática pedagógica a partir de três visitas realizadas durante o ano letivo de 2019: ao patrimônio histórico do Palácio Anchieta, que também abrigava a exposição *33ª BIENAL/SP Afinidades Afetivas*, ao Museu Vale, com a exposição *O Brasil que merece o Brasil* e ao patrimônio local, a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Fez-se uma revisão bibliográfica sobre a mediação cultural e suas relações com o espaço escolar a partir de Neitzel e Carvalho (2016). Sobre a mediação cultural como prática pedagógica, referencio-me em Martins e Picosque (2012), Alencar (2008),

Rocha (2015; 2018) e Orloski (2015). Os processos pedagógicos no ensino da Arte explorados neste trabalho têm consonância com reflexões desenvolvidas por Ferraz e Fusari (2009) e Rosa Iavelberg (2003; 2017). Esta pesquisa certificou-se de que a mediação cultural coopera para a formação e ampliação do repertório cultural dos estudantes ressaltando a importância do arte/educador que atua nos espaços formais de educação como mediador cultural para o ensino da arte.

Palavras-chave: mediação cultural; arte/educação; prática de ensino; escola; cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Capa: apreciação artística no Museu Vale. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	1
Imagem 2: O barco de pescadores da Ponta da Fruta. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	9
Imagem 3: Alunos na escada da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	21
Imagem 4: O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva, Bruno Novaes (2019).	26
Imagem 5: A fachada da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	46
Imagens 6, 7 e 8: Aulas extraclasse. Acervo pessoal.	58
Imagem 9: A fachada do Palácio Anchieta. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	65
Imagem 10: O professor de Geografia, os alunos e o mediador durante a visita ao Palácio Anchieta. Acervo pessoal.	69
Imagem 11: A fachada do Museu Vale. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	71
Imagens 12 e 13: Registros fotográficos da aluna K.O. Acervo pessoal.	80

Imagem 14: A igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	81
Imagens 15, 16 e 17: Aula de campo no entorno escolar. Acervo pessoal.	85
Imagem 18: De volta para a escola. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	89
Imagem 19: Nuvem de palavras. Acervo pessoal.	94
Imagem 20: Desenho livre, Bruno Novaes (2020).	104
Imagem 21: Aula prática de Arte. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	107
Imagem 22: O final de expediente. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FAEB - Federação dos Arte Educadores do Brasil

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEDU - Secretaria de Estado da Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. Docência artística	23
1.1 Recortes no tempo sobre o ensino da Arte	30
1.2 Sobre a mediação cultural na arte/educação	38
1.3 O local de partida e chegada	41
2. Um olhar para além da rotina escolar	48
2.1 A mediação cultural como prática pedagógica: o ensino da Arte na EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho	59
2.1.1 O Palácio Anchieta e a exposição 33ª Bienal de São Paulo	66
2.1.2 O Museu Vale e a exposição O Brasil que merece o Brasil	72
2.1.3. O entorno escolar e a igreja Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro Ponta da Fruta	82

3. Potencialidades da mediação cultural para a aprendizagem artística	91
3.1 A ampliação do nosso repertório cultural e artístico	95
3.2 Encontros com a arte: reflexos dos momentos da visita que reverberam na escola	96
3.3 Sobre as vivências artísticas na escola e para além dela	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	
A. Roteiro de planejamento escolar. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.	120

INTRODUÇÃO

Começo essa pesquisa como em uma roda de conversa, onde me apresento em uma relação dialógica horizontalizada, colocando-me também na posição de aprendiz, relatando minhas experiências e reflexões enquanto estudante e professora de arte. Digo estudante/professora, pois em 2016 ingressei no curso noturno de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, retornando ao lugar que desocupeei em 2004, no Bacharelado em Artes Plásticas. Confesso que este foi um período bastante árduo, no qual enfrentei jornadas de trabalho em sala de aula concomitantes com o curso de licenciatura, mas que me possibilitaram um novo olhar para o ensino da arte nas escolas. Foi durante o bacharelado, atuando comoicineira de arte em organizações não governamentais, que despertei para o exercício da docência e, através desse contato com crianças e adolescentes, surgiu meu interesse por lecionar. Iniciei minha carreira como professora não habilitada em 2002, enquanto ainda cursava o bacharelado em Artes Plásticas, devido à carência de profissionais habilitados em Vila Velha.

Ao longo dos anos lecionando, percebi que o que motiva minha prática de ensino é organizar pequenas expedições exploratórias, que partem inicialmente do território escolar, exploram seu entorno, visitam patrimônios históricos, galerias e museus, retornando para a sala de aula e reverberando, no espaço escolar, as vivências que essas viagens culturais nos proporcionaram. Debruçando-me sobre a prática da mediação cultural no ensino da arte, constatei que esta

temática, pensada a partir do olhar do professor de arte sobre a sua prática escolar, ainda é pouco relatada ou pouco difundida entre os docentes e estudantes do campo. São diversos os textos que trazem um olhar sobre ações de mediação cultural em museus e/ou galerias de arte, ressaltando a sua relevância para essas instituições culturais e os agentes nelas envolvidos, mas, no que tange ao espaço escolar, escutando e dando voz aos seus partícipes, existem poucos registros.

Não que a prática não exista, de fato o público escolar, com seus professores, têm se colocado com frequência em espaços expositivos ou explorando patrimônios culturais do seu bairro e entorno escolar, mas os registros dos professores da educação básica, refletindo, estruturando e analisando dados sobre suas ações sobre a mediação cultural no ensino da arte ainda parecem ter sido pouco expostos enquanto pesquisa acadêmica. Somadas a esse fato estiveram as reflexões sobre minhas vivências pedagógicas em sala de aula, que me levaram a estruturar a mediação cultural como minha prática de ensino da arte. Dessa forma, meu olhar para a escola, meu local de trabalho, transforma-se em um olhar investigativo para o ensino da arte, convertendo minhas ações pedagógicas na mediação em meu objeto de estudo.

Adair de Aguiar Neitzel e Carla Carvalho (2016) norteiam essa pesquisa, trazendo a leitura do espaço escolar como um espaço cultural assim como os museus, as galerias de arte, o entorno escolar e pensam na mediação cultural efetuada pelo professor de forma a diluir as barreiras existentes entre os equipamentos culturais e a escola. Sobre a história do ensino da arte brasileira e contextualizando a mediação cultural no ensino da arte, apresento conceitos de Rejane Galvão

Coutinho e Ana Mae Barbosa (2008). Discutindo a importância do papel do professor na compreensão dos repertórios artísticos dos seus estudantes e refletindo sobre a mediação cultural como prática pedagógica, referencio-me em Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2012), Valéria Peixoto de Alencar (2008), Julia Rocha (2015; 2018) e Erick Orloski (2015). Pensando sobre a sistematização do trabalho pedagógico do professor no ensino da arte, busco embasamento em Maria Filisminda de Rezende Ferraz e Maria Heloísa Corrêa de Toledo Fusari (2009) e Rosa Iavelberg (2003; 2017).

E, assim, apresento questões que me incomodam e me provocam no meu exercício de docência, tais como: De que forma arte/educadores podem colaborar para a formação e ampliação do repertório cultural e artístico dos seus alunos? Como as saídas do espaço escolar e as conexões com outras instituições podem ampliar a minha relação e a dos meus educandos com a arte? A mediação cultural apresenta contribuições na formação do repertório estético, artístico e cultural dos educandos da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho? Partindo dessas questões disparadoras, objetivo me certificar das potencialidades da mediação cultural como prática pedagógica no ensino da arte através das minhas ações docentes.

No decorrer dessa pesquisa, descrevo todo processo de mediação cultural realizado com minhas turmas do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Judith da Silva Góes Coutinho, localizada no município de Vila Velha, no estado do Espírito Santo. Os participantes desta pesquisa foram meus alunos do ensino médio das séries 1ºM01, 1ºM02, 1ºM03, 2ºM01, 2ºM02, 3ºM01 e 3ºM02, compostas por alunos que já estudavam em nossa escola e por outros que vieram de escolas municipais e/ou oriundos de outros estados. Sendo assim, os grupos atendidos eram bastante heterogêneos e

com diferentes vivências artísticas no ensino da arte. Com relação à aprendizagem, todas as turmas analisadas me reportaram que durante o ensino fundamental I e II não experienciaram o fazer artístico e tampouco realizaram visitas mediadas, justificando assim o meu interesse na pesquisa da mediação cultural enquanto prática pedagógica de ensino nesta unidade escolar.

Durante os meses da pesquisa participante, as coletas de dados ocorreram durante as aulas de arte e através das narrativas sobre as visitas mediadas registradas em meu diário de campo. Os estudantes participaram das visitas mediadas, de entrevistas e de questionários investigativos realizados como fonte de coleta de dados. A análise da importância da mediação cultural no ensino da arte da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho foi certificada durante o desenvolvimento da pesquisa, na qual foram selecionadas três visitas de mediação cultural realizadas durante o ano letivo de 2019: o patrimônio histórico do Palácio Anchieta, que também abrigava a exposição *33ª BIENAL/SP Afinidades Afetivas*, no centro de Vitória, o Museu Vale, que estava com a exposição *O Brasil que merece o Brasil*, em Vila Velha e a *Igreja Nossa Senhora dos Navegantes*, no entorno escolar do bairro Ponta da Fruta. Após essas reflexões, justifica-se a mediação cultural enquanto prática pedagógica desta pesquisa por acreditar na relevância desta prática no ensino da Arte, contribuindo para o enriquecimento cultural e estético dos educandos.

Nesse processo de pesquisa, priorizar a cultura no currículo escolar e pensar o ensino da arte como estar entre meus pares, estabelecendo trocas culturais locais, contribuiu para a minha formação enquanto professora, assim como proporcionou mudanças em minha prática pedagógica. Uma pesquisa é realizada durante um tempo delimitado, seu

problema é recortado e trazido por escrito buscando a certificação de uma hipótese. Esta pesquisa trará os registros temporais feitos em 2019 e refletivos até a finalização desse trabalho. Assim, amplio sua temporalidade para hoje, conforme Paulo Freire (1967, p. 41), partindo do princípio de que "O homem existe - existere - no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se".

1



Imagem 3: Alunos na escada da EEFM Judith da Silva Góes Coutinho. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política. Deve gerar insatisfação com o já dito, o já sabido, o já estabelecido. Só é harmoniosa a escola autoritária. A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver.

Moacir Gadotti

1. Docência artística

Em uma rua perto da praia, vemos um muro vermelho alto e um portão de ferro branco. Adentrando por esse portão podemos avistar um pátio com diversas mesas compondo um refeitório e, ao seu lado, uma pequena quadra esportiva. Há muitas janelas envelhecidas com as grades corroídas pela maresia. No primeiro piso temos a secretaria, a sala de direção, os banheiros, a sala de informática, a sala dos professores e uma sala de aula. Subindo dois lances de escada estão a sala da coordenação, uma biblioteca e seis salas de aula. A escola descrita está localizada no bairro Ponta da Fruta, no município de Vila Velha, e foi meu local de trabalho e pesquisa durante o ano letivo de 2019. Apresento um olhar sobre minha docência artística, no qual me percebo como uma professora que busca propiciar para seus alunos diferentes vivências artísticas através da mediação cultural. Acredito que minha prática docente é reflexo também das experiências pessoais vivenciadas em espaços de educação não formal, conforme afirma Diana Tubenchlak Peres (2016, p. 280):

A prática do docente, neste caso, decorre, também, a partir da experiência pessoal adquirida em espaços de educação não formal (centros culturais, museus e institutos de Arte). É o docente, que levado por motivações pessoais, segue aprendendo, observando, compreendendo, refletindo e passando por experiências. E, assim, se dá início a um processo, onde a vida pessoal do professor é, sem dúvida, diluída em sua prática diária em sala de aula.

Ser uma espectadora ativa e através disso buscar novas possibilidades de encontros com a arte na escola é uma motivação pessoal para prosseguir no exercício docente. São esses estímulos imagéticos para a minha percepção e imaginação que me auxiliam a criar ações pedagógicas para o ensino da arte. Quando pensamos sobre as nossas relações com a escola, reencontramos um elo com nossa infância e adolescência em que parte do tempo que passamos nesse espaço nos encontrávamos sentados na cadeira escolar. O tempo não avança ou pausa, mas, no presente, nos permite retroceder para contarmos histórias. Muitos dos nossos patrimônios afetivos¹ estão marcados pelo período escolar, que narra fatos históricos que caracterizam quem fomos ou somos.

Em nossa memória constam os registros afetivos da educação básica, incluindo a nossa primeira professora e as vivências com os colegas de sala que foram mais marcantes. São nossos patrimônios afetivos os registros com a turma, as amizades que fizemos, a carteirinha escolar, os trabalhos em grupo, as provas, o boletim assinado pelo responsável, os eventos realizados, os projetos escolares e a nossa vida dividida pelo calendário letivo. E se o próprio espaço escolar e outros elementos que constituem a sala de aula se tornassem objetos de arte? Algumas produções de artistas contemporâneos apresentam reflexões sobre o espaço escolar e a profissão docente. Remetendo-nos ao tempo de estudo e trazendo um olhar para essas vivências, o artista e professor de arte Bruno Novaes, utiliza, como materialidade

¹ Patrimônio nesta perspectiva está vinculado aos nossos afetos íntimos, como afirma Bezerra (2013, p.127) “ o patrimônio pode ser também reivindicado como vínculo memorial, afetivo, em que as lembranças gravadas no passado sejam atualizadas a partir do trabalho de memória de modo que o reconhecimento se dê como forma de preservar a si próprios no presente. ”, a partir dessa concepção nossos patrimônios afetivos representam nossas vivências identificadas como um valor simbólico, emocional e afetivo.

da sua produção, cartilhas, diários de classe, gizes, lousa e cadeiras escolares. Em entrevista concedida ao Paço das Artes (2019), afirma sobre seu fazer artístico:

Sobre o contexto da educação, nos últimos anos, o fazer artístico se deu também junto aos alunos, de forma relacional, misturando ateliê e sala de aula, caminhando para uma noção de educação mais ampla. Isso é equivalente também na exposição, quando o público participa. É educativo mesmo fora dos muros da escola. Me interessa esse lugar entre arte e educação.

Através de elementos significativos como a lousa e o giz acumulado em frente a cadeira, remete-nos ao ofício de professor. Surpreendendo-nos, assim, a quantidade de material efêmero que se desgastaria conforme a fala do docente ao explicar conteúdos de sua aula. Nessa mistura de ateliê e sala de aula, o artista explora como temática o lugar entre arte e educação, propondo um diálogo com o público. Importante perceber quais provocações sua obra nos proporciona. Bruno é um artista que nos coloca discussões sobre o papel do corpo docente e discente nas escolas, levando-nos a refletir sobre as vivências ali estabelecidas e de que forma elas se relacionam nesse espaço, que ora é acolhedor, ora é agressor. No que tange às questões políticas e relacionais de convívio, esse ambiente formal pode até mesmo perpetuar valores morais que muitas vezes desrespeitam a integridade humana daqueles que ali estão dividindo os espaços de aprendizagem.



Imagem 4: O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva,
Fonte: Bruno Novaes (2019)

Como intitula a própria exposição (de trabalho homônimo), *O professor deverá ser o último a se retirar, mesmo nos dias de chuva*, vemos a figura do professor posta como aquele que se coloca em risco, que se anula e desrespeita sua integridade em nome do seu trabalho. Tal como Bruno, sempre analiso os manuais de conduta para alunos e professores que recebo no início do ano letivo e, em muitas vezes, as regras de boa convivência ou de como se portar em sala de aula são contestáveis. Há uma lista enorme de regras que orientam como devemos agir e nos portarmos nas mais diversas

situações que, teoricamente, podem ser previstas em sala de aula. Em tais manuais, a conduta do professor deve ser observada no cotidiano escolar e seguir as normas de regimentos internos das escolas é um dos requisitos necessários para que ele seja bem avaliado quanto ao seu desempenho e permaneça ocupando seu cargo profissional. Podemos perceber que algumas normas de conduta educacionais são semelhantes e recorrentes em todas as regiões brasileiras, outras, porém são elaboradas observando características culturais locais. Atuando como professora da educação básica, no ano de 2010, fui morar no interior de São Paulo, em Apiaí. No município, era muito comum o uso de gorro e boné em sala de aula. No entanto, no meu estado de origem, o Espírito Santo, o uso dos acessórios na educação básica é extremamente proibido. Lembro-me de que me sentia tentada a toda hora pedir para meus alunos retirarem o boné, o gorro ou o capuz do casaco da cabeça durante as aulas. Um dia parei a aula e conversei com eles sobre o fato e eles riram muito. Alguns alunos me questionaram:

- Como assim, "dona", de onde você veio não pode usar o boné na sala de aula? Por quê?

Expliquei que no meu Estado era considerado um desrespeito ao professor e uma infração grave às regras da escola, mas que entendia que ali, naquele contexto, o uso do boné e outros artefatos serviam para aquecê-los do frio. Somente após esse episódio fui me questionar qual a relação do uso do boné com o aprendizado dos meus alunos. E, claro, concluí que não influenciava em absolutamente nada! O ocorrido me sensibilizou para o fato de que, muitas vezes, repetimos, de modo automático, regras que nos são repassadas e assim as aceitamos, negligenciando nossa criticidade e esquecendo que a prática pedagógica deveria ser libertária.

Freire (1967, p. 8) afirma que "A compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social, requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se". Relaciono essas normas de conduta disciplinares, que muito me lembram instituições prisionais, com essa luta tão necessária por nos libertarmos.

Percorrendo com nosso olhar todas as cadeiras enfileiradas de uma sala de aula e pausando-o na mesa do professor, podemos refletir sobre o fato da equipe docente ter ou não autonomia para aceitar ou rejeitar essas normas. Por vezes, a gestão democrática em algumas escolas ainda é muito idealizada, pois, quando iniciamos o ano letivo em nossas reuniões escolares, as regras de conduta já estão impressas e muitas vezes não existe um diálogo sobre elas. Esse endurecimento normativo muitas vezes é o impedimento para que sejam promovidos, com mais frequência nas escolas, encontros com a arte.

Um contexto escolar que aprisiona, dentro do seu interior, professores e alunos, também acaba por se desconectar da prática do professor, desse movimento de caráter exploratório que promove a busca por vivências pedagógicas através da mediação cultural. A rotina estruturada sobrecarrega o professor, que se vê muitas vezes trabalhando, inclusive durante os finais de semana, para conseguir atender às demandas burocráticas da escola. Envoltos com esse excesso de afazeres, constantemente, acabam recorrendo aos planejamentos prontos e a atividades estruturadas que não estimulam o pensamento reflexivo sobre a arte. Assim, os professores perdem o prazer de ensinar e se sentem desmotivados no cotidiano escolar com as cobranças excessivas e a rotina cansativa. Qual o papel da escola no processo

de permitir e possibilitar ao professor atravessar o seu portão para vivenciar uma prática de mediação cultural? Estaria a instituição facilitando ou dificultando que esse processo ocorra?

Bem, sabemos que existe um planejamento pedagógico que deve estruturar as ações do professor, mas se faz necessário primeiramente que a escola o apoie e, principalmente, que autorize a sua saída com os alunos. Nessa relação dialógica entre o docente e a equipe pedagógica, importa reivindicarmos nas escolas um olhar sobre o ensino da arte pautado na mediação cultural como prática de ensino. Diante disso, também devemos ressaltar a importância de se valorizar, incentivar, motivar e apoiar as ações pedagógicas do professor de arte, quando este oportuniza para seus alunos o acesso aos bens culturais, pois

A escola, muitas vezes, é o único local onde os alunos têm a oportunidade de envolver-se com as artes, e, por isso, a necessidade de o professor assumir o papel de mediador cultural, envolvendo os alunos no processo de visitação a espaços culturais para que estes possam emancipar-se intelectualmente. Uma experiência vivida na boniteza das relações, em que se possa entender a educação como prática de liberdade, abrindo-se para o outro por meio do diálogo construído na relação sujeito-objeto-sujeito. (KUPIEC; NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 34)

Pensando a escola como um espaço que oportuniza a aprendizagem artística e o professor como incentivador cultural no espaço escolar, apresento a mediação cultural como prática pedagógica sendo narrada através das minhas ações e vivências como arte/educadora na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Judith da Silva Góes Coutinho.

1.1 Recortes no tempo sobre o ensino da Arte

Sempre gostei de estudar e minha aula preferida era a de Arte, pena que durava tão pouco tempo. Refletir sobre o espaço escolar me remeteu as minhas lembranças de estudante e, dialogando com essas imagens memoriais, encontrei um fato interessante no meu aprendizado escolar na década de 80 e 90. Estudei em escolas particulares e, mesmo assim, nunca tive uma aula de Arte em uma sala apropriada. Tampouco fora dela. Lembro-me apenas de que, no período de alfabetização, em uma atividade no pátio escolar, saímos da sala de aula e fomos buscar as folhas das árvores para coletarmos suas texturas. Assim, ao longo dos anos terminei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio sem ter estudado sobre a História da Arte ou ter feito sequer uma análise de imagem.

O ensino da Arte que recebi foi apenas o desenho técnico com o uso de esquadros, régua, compasso e transferidor. Minha opção inicial pelo Bacharelado em Artes Plásticas remonta a minha relação com o desenho desde a infância. O interesse pelo desenho me fez optar pelo curso, visto que na época eu ainda não pensava em seguir a carreira docente. Durante o bacharelado surgiu a oportunidade de estagiar em projetos sociais e assim me inseri na educação não formal, atuando com oficinas artísticas em bairros da periferia. Após essa experiência, passei a atuar na Educação Básica da rede pública estadual como professora não habilitada. Tendo como base a experiência vivenciada em projetos sociais e no bacharelado, quando comecei a lecionar senti a necessidade de levar para a sala de aula um ensino da Arte diferente do que eu havia tido. Para compreendermos as fragilidades do ensino da Arte que recebi durante a década de 80 e 90,

gostaria de tecer um breve recorte histórico sobre o contexto do Brasil. A Arte é uma disciplina que podemos considerar ainda como nova no currículo escolar, com apenas vinte e cinco anos de obrigatoriedade nas escolas, tendo seu percurso histórico marcado por lutas e movimentos de resistência, por parte dos arte/educadores, para o seu fortalecimento e estabelecimento enquanto disciplina e área de conhecimento. Durante muito tempo seu papel no currículo escolar foi secundário e esteve voltado a ser apenas uma atividade recreativa ou de suporte para as demais disciplinas.

Seu ensino estruturado enquanto disciplina curricular com conteúdo e avaliações ainda é recente. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2001, p. 28), “Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada ‘atividade educativa’ e não disciplina”. Nesse período, vigoravam os preceitos da pedagogia tecnicista, que visava ao preparo para o mercado de trabalho com algumas nuances contraditórias.

De fato, o ensino de Arte daquela época, e que até hoje se mantém em diversos lugares do Brasil, consistia na valorização das datas comemorativas ligadas à religião, ao nacionalismo e ao comércio, e também abordava o desenho geométrico, que, como hoje se sabe, é conteúdo da Matemática. Essa concepção de ensino de Arte, baseada na simples realização de produtos decorativos e na ideia de que aula de Arte é aula de passatempo ou de produção de lembrancinhas, resultou no esvaziamento dos conteúdos específicos da área de Arte na educação escolar. Essa forma de entender o ensino de Arte acabou por desvalorizar esse componente curricular, relegando-o a um lugar inferior na educação escolar. (POUGY, 2012, p. 40)

Infelizmente, como afirma Pougy, a simples realização de produtos decorativos ou a ideia de que aula de Arte é um

passatempo ainda se mantém em diversas escolas, desconstruir essa prática e imagem do ensino da Arte ainda é um processo moroso. Baseada em minha experiência enquanto aluna no ensino fundamental na década de 80 e comparando com a atualidade em que sou docente, percebo que ainda hoje o ensino da Arte esbarra com práticas pedagógicas que retrocedem o conteúdo da disciplina para essa década. Durante esses anos lecionando, ainda constatei em algumas escolas o desenvolvimento de atividades repetitivas utilizadas como exercícios de coordenação motora e folhas fotocopiadas com desenhos prontos para colorir sendo aplicados como forma de garantir uma espécie de funcionalidade ou importância da Arte para a escola, restringindo-se nesse aspecto. Mas, contrariando essa perspectiva e oferecendo resistência, buscando valorizar o aprimoramento do professor, a década de 1980 na história do ensino da Arte foi marcada pelos movimentos de arte/educação influenciados pela proposta pedagógica de Paulo Freire:

A pedagogia proposta por Paulo Freire tem como princípio o diálogo e o respeito pelo educando. Por meio de temas geradores ou de assuntos que mobilizam os estudantes da perspectiva da problematização de sua realidade vivida, a pedagogia freiriana aposta na troca cultural entre educadores e educandos e na reflexão crítica acerca dos conhecimentos a serem ensinados e aprendidos na escola. (POUGY, 2012, p. 41)

O diálogo e o respeito pelo educando, bem como a troca cultural entre estes e os educadores são princípios que permeiam a minha prática enquanto professora, pois no contexto da juventude de hoje, onde os meios de comunicação de massa dominam a visualidade e a relação com a tecnologia se faz uma constante em suas vidas, faz-se necessário promover, no cotidiano escolar, uma reflexão crítica acerca dos conhecimentos a serem ensinados nos currículos,

trazendo o educando para a participação na problematização dos conteúdos que serão lecionados. Dessa forma, movimentamos a sala de aula, tirando-os da inércia e apatia que ainda se fazem presentes, principalmente, quando os alunos não se sentem conectados ou envolvidos no saber que está sendo construído. Retomando nossa linha do tempo, foi a partir dos anos de 1980 que a Abordagem Triangular, proposta pela arte/educadora Ana Mae Barbosa, foi difundida em todo Brasil, exercendo influência marcante para o ensino de Arte e para a elaboração dos PCNs:

À medida que a Abordagem Triangular foi sendo difundida e, posteriormente, quando seus princípios foram integrados [...] aos Parâmetros Curriculares determinados pelo MEC (1996/1997), a procura dos professores por cursos e visitas a museus foi intensificada. A partir da década de 1990, por esses motivos ou por maior desenvolvimento da consciência social, muitos museus criaram setores educacionais. A atenção dada à educação nos museus aumentou quando as megaexposições permitiram descobrir que as escolas são o público mais numeroso nesses eventos e, portanto, inflam as estatísticas e ajudam a mostrar grande número de visitantes aos patrocinadores. (BARBOSA, 2008, p. 17)

Importante ressaltar na fala de Barbosa a criação dos setores educativos dos museus a partir da difusão da Abordagem Triangular², em que a leitura de imagem se realiza por meio da apreciação interpretativa, do fazer artístico, da contextualização histórica, social e estética da obra, assim, essas ações se tornam a tríplice do ensino da arte, abrem caminho para a mediação cultural como prática de ensino. No final dessa década também surgiram as associações de

² A Abordagem Triangular propõe a arte como expressão e como cultura através de uma aprendizagem dialógica, construtivista e multicultural, tendo sido sistematizada por Ana Mae Barbosa entre os anos de 1987 e 1993 no contexto do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

arte/educadores, como a Federação dos Arte/Educadores do Brasil – FAEB, criada em 1987, durante o primeiro evento que reuniu profissionais da área em Brasília:

A FAEB surgiu da necessidade de representação, a nível nacional, do movimento que iniciara com a fundação da AESP – Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo, em 1982, seguida da fundação da ANARTE Regional Associação Nordestina de Arte-Educadores e da AGA – Associação Gaúcha de Arte/educação, em 1984. (RICHTER, 2007, p. 2)

A pouca formação acadêmica específica na área de Arte dos professores, as fragilidades e dificuldades metodológicas enfrentadas durante o período recente de obrigatoriedade do ensino da arte culminaram na criação desses movimentos, tendo em vista um espaço para reflexão e discussão em eventos de questões referentes ao ensino da arte. Por meio da organização e realização de eventos para difusão do conhecimento científico, artístico e educacional no campo das artes, ampliaram-se as possibilidades de trocas e compartilhamento de informações nos diversos campos artísticos, pedagógicos e culturais. Ainda hoje a FAEB desenvolve um papel de grande relevância para a pesquisa no ensino da arte, promovendo encontros entre arte/educadores que possibilitam a troca de experiências sobre o ensino da Arte, além de oportunizar acesso a um conhecimento que muitas vezes ficaria restrito às instituições de origem.

Avançando no tempo, de acordo com os PCNs (2001, p. 30), “[...] com a promulgação da Constituição em 1988 iniciam-se discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, sancionada em 20 de dezembro de 1996”. Um longo caminho de reflexões e de debates se segue pela permanência e valorização da arte nas escolas. Em três de

suas versões, foi retirada a obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas, o que foi modificado a partir da luta política. Organizados, os arte/educadores protestaram, convictos da importância da arte para a formação dos sujeitos. Iniciou-se, nesse momento, uma longa luta política e conceitual dos arte/educadores brasileiros para tornar a arte uma disciplina curricular obrigatória, com todas as suas especificidades (objetivos de ensino, conteúdos de estudos, metodologia e sistema de avaliação).

Somente com a promulgação da LDB, em 1996, que a obrigatoriedade do ensino da arte na educação básica foi garantida e estabelecida. Consolidando e fortalecendo a arte como área de conhecimento e ainda citando em seus princípios e fins no Art. 3º:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
 - IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 - V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - VII - valorização do profissional da educação escolar;
 - VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
 - IX - garantia de padrão de qualidade;
 - X - valorização da experiência extraescolar;
 - XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;
 - XII - consideração com a diversidade étnico-racial;
- (BRASIL, 2017, p. 9)

Esses princípios são tópicos importantes para a educação brasileira, regendo todo o ensino e, principalmente,

estabelecendo a garantia de direitos e deveres escolares em defesa do ensino público e de qualidade para todos. No âmbito desta pesquisa, destaco nesse documento principalmente o item II, que trata da divulgação da cultura e da arte, e o item X, que ressalta a valorização da experiência extraescolar. A liberdade de aprender sobre sua própria cultura e conhecer a arte contemporânea local é um direito que não pode ser negado principalmente à população mais pobre — como é o caso da instituição escolar envolvida na pesquisa. Encontramos, nas escolas públicas, estudantes que vivem em situação de pobreza e de extrema penúria, que muitas vezes dependem somente das visitas de mediação cultural extraescolar realizadas para terem acesso a espaços expositivos, equipamentos culturais, museus, ateliês ou outros lugares promotores da arte.

Posteriormente, foi através da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que o art. 26 §2º da LDB foi ampliado, afirmando que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. Dentre os questionamentos que impulsionaram esta pesquisa estão a necessidade de trazer para a escola ações de mediação cultural que valorizem as expressões regionais pertencentes a comunidade escolar. Para exemplificar a valorização do saber dos educandos na expressão artística, podemos situar os projetos trimestrais que acontecem na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Judith da Silva Góes Coutinho, onde o protagonismo juvenil é incentivado. Os projetos são divididos por áreas de ensino e trabalham temáticas atualizadas anualmente, além de estarem inseridos em seu Projeto Político Pedagógico.

Na culminância deles, notamos uma mudança na rotina escolar, pois vemos as salas de aula e o pátio decorados,

valorizando a produção artística local e o regionalismo. A comunidade e os familiares comparecem à escola para assistir às apresentações que foram elaboradas. Dessa forma, a escola se estabelece também como local expositivo, promovendo uma conexão cultural com a comunidade quando disponibiliza seu espaço para a divulgação e exposição de trabalhos artísticos locais. A valorização da expressão cultural e artística local que perpassa esses eventos é de suma importância, pois trabalham-se competências e habilidades afetivas e emocionais. Assim, o aspecto cultural tem-se feito presente em diversos currículos municipais e estaduais para ser desenvolvido enquanto conteúdo durante as aulas de Arte.

Ao conhecer a cultura local, o estudante pode se perceber como produtor dela, reconhecendo que em cada parte desse estado existem inúmeras manifestações artísticas e culturais que identificam o nosso povo e nos servem como inspirações para novas criações. Além disso, o Componente Curricular Arte convida para uma experiência que seja significativa e sensível, que propõe ver o mundo pelos múltiplos sentidos, vivenciando as artes visuais, a música, a dança, o teatro e o patrimônio cultural pelas diferentes matrizes estéticas e culturais, de todas as etnias, que constituem o povo capixaba. (ESPÍRITO SANTO, 2018, p. 54)

Portanto, a valorização cultural e identitária está presente no currículo escolar das escolas estaduais do Espírito Santo e foi base para a presente pesquisa, pois a unidade escolar da superintendência de Vila Velha é regida por esse documento. Em 2017, o que passa a reger a nova organização curricular nacional é a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento em que o Ministério da Educação – MEC coordenou o processo de elaboração e que deu direcionamento na construção dos currículos escolares no âmbito nacional. Tendo sido também referência para a elaboração do novo

currículo estadual do estado do Espírito Santo, documento aprovado pelo Conselho Estadual de Educação e instituído por meio da Resolução CEE/ES nº 5.190/18 em 31/12/2018. O novo currículo capixaba entrou em vigor em 2020, propondo, na estruturação curricular escolar, o incentivo de ações para que os estudantes se expressem, compartilhem informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, afirmando no documento do currículo do Estado do Espírito Santo que

O professor, como sujeito do processo educativo, intelectual, pesquisador, reflexivo e mediador, tem o desafio de construir novas alternativas pedagógicas para a sua prática docente, articulando-as com as expectativas educativas próprias da escola e de seus estudantes em seus mais variados contextos. (ESPÍRITO SANTO, 2018, p. 14).

Dessa forma, estabeleço a mediação cultural como uma prática docente capaz de proporcionar e construir alternativas pedagógicas de vivências estéticas na escola e para além dela, reverberando na comunidade escolar as experimentações culturais proporcionadas por ela.

1.2 Sobre a mediação cultural na arte/educação

Segundo Barbosa e Coutinho (2008, p. 171), “No Brasil, a questão da mediação cultural recentemente vem sendo alvo de experimentações e pesquisas em consonância com as abordagens pós-modernas de ensino de arte. Esse interesse tem

suas origens na década de 1990 e surgiu no início da preocupação de arte/educadores que passaram a atuar em instituições culturais [...]", nesse contexto, podemos afirmá-la como uma área ainda recente como campo de pesquisa dentro do ensino da arte e, a partir dessa inserção dos arte/educadores em instituições culturais, os aspectos educativos em museus ganham potência. O processo de mediação cultural pautado na prática da abordagem triangular abre espaço para o diálogo e amplia o saber do público espectador.

A mediação cultural enquanto área de estudo tem amplos aspectos, mas na base para seu exercício de vivências estão as leituras das obras e das imagens feitas pelos fruidores e a relação dialógica construída entre os diferentes sujeitos envolvidos nas práticas. O papel do mediador será personificado nas escolas pelo professor e, nos espaços expositivos, pelo mediador cultural. Em sua definição:

O termo "mediação", segundo o dicionário, significa o ato ou efeito de mediar. É uma intervenção, um intermédio. Juridicamente, o termo é empregado para processos pacíficos de acerto de conflitos internacionais onde a sugestão é sugerida e não imposta. Envolve assim dois polos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediano, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Estes desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor, buscando a fruição-ação ou efeito de fruir (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 25)

Esse aspecto jurídico que sugere conciliação e diálogo também faz parte do contexto empregado para a mediação em arte, no qual a prática dialógica deve fazer parte dos momentos de apreciação estética em que somos acompanhados pelos mediadores culturais que ali se colocam estimulando as interpretações da obra, incentivando os

comentários e apresentando informações, dessa forma estabelecem trocas com os visitantes e compartilham os interesses despertados durante a vivência artística.

Estar em contato, aproximar-se e estésiar com a arte faz parte das atividades voltadas para a mediação cultural. Nesta pesquisa enfoco o papel do arte/educador enquanto mediador cultural, seja partindo para fora do espaço escolar ou trazendo para dentro da escola novas vivências artísticas, investigando e buscando realizar encontros entre a arte e o público, promovendo a acessibilidade estética. Rocha (2009, p. 46) afirma que “Todo professor de artes faz uso destes verbos sinônimos de mediar, seja ele do ensino formal ou não formal. O professor de sala de aula é participante também do processo da visitação à exposição; há um intercâmbio entre museu, professor e escola”. Esses aspectos de intercâmbio promovem um movimento cíclico que constrói vínculos de aprendizado entre as instituições e que permitirão ao estudante vivenciar momentos enriquecedores de partilha e conhecimentos artísticos provocadores de estesia.

Para tecer encontros com a arte, aproprio-me do conceito acerca da mediação cultural de Martins (2012, p. 25), que a percebe como uma “[...] facilitadora do encontro entre arte e fruidor” e, sendo assim, ressalto o papel do professor de arte na educação básica enquanto mediador/propositor, que pensa novas formas de realizar a ação fruidora. Essa prática pedagógica oferece caminhos de experimentações sensoriais que geram no educando uma relação mais estreita com a arte, despertando-o para o prazer da fruição estética. E é assim, como arte/educadora, que me posiciono como uma mediadora de conhecimentos, buscando favorecer a interação do público, inclusive, com a sua cultura local, utilizando a mediação cultural como prática pedagógica na escola, pois, como afirma Valéria Peixoto de Alencar (2008,

p. 33), “[...] acredito numa construção de saberes, a mediação como uma ação provocadora e investigativa, que pressupõe diálogo e reflexão” e, assim, através da mediação cultural, poder colaborar para a ampliação do repertório artístico do educando e conseqüentemente para sua expressão criativa na arte.

1.3 O local de partida e chegada

Em uma manhã de céu azul, quente e ensolarada, típica do clima capixaba, saio logo cedo e sigo para mais um dia de rotina escolar. Parte do meu trajeto para o trabalho é desenhado pelo calçadão da orla da praia de Itapuã. Observo o mar e, analisando suas linhas curvas, onduladas, espiraladas, retas e inquietas, sinto a brisa marinha tocar meu rosto. Nas idas e vindas de suas ondas, mergulho em meio as minhas vivências na sala de aula. Por conseguinte, o vento sopra mais uma vez e vejo os pescadores na praia recolhendo sua rede. Lembro que a antropologia pensa o sujeito como aquele que age sobre a natureza, transformando-a de acordo com as suas necessidades. Sendo ele um ser histórico, são as suas ações transformadoras da natureza, através do seu trabalho, que o levam a produzir sua própria cultura, assim, dialogando com Maria Lúcia Aranha (1990, p. 15), reflito que “O trabalho - que é a ação transformadora do homem sobre a natureza - modifica também a maneira de pensar, agir e sentir, de modo que nunca permanecemos os mesmos ao fim de uma atividade, qualquer que ela seja. É nesse sentido que dizemos que, pelo trabalho, o homem se autoproduz, ao mesmo tempo que produz a própria cultura”.

Seu modo de agir no mundo é resultado do seu aprendizado cultural. Segundo Rejane Galvão Coutinho; Klaus Schlünzen Junior; Elisa Tomoe Moriya Schlünzen (2013, p. 42), “Atualmente, pode-se afirmar que cultura é o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra entre os membros de determinada sociedade”. Refletindo com os autores, nosso modo de viver está vinculado ao espaço/local que ocupamos. Não nascemos portadores de cultura, mas aprendemos características e valores próprios do nosso meio social, nos apropriando dela. Tanto eu, quanto os pescadores temos parte das mesmas referências culturais, fundamentadas nos costumes e tradições espírito-santenses.

Em nossa identidade, as heranças das culturas indígenas e negras influenciam nossa típica culinária com frutos do mar preparados em panelas de barro, um modo de fazer tradicional da região. Os olhares para nossas singularidades perpassam por caminhadas em areias da praia, onde as conchas repousam e o mar canta batidas de ondas quebradas. Complementando conceitos, João Francisco Duarte Júnior (2005, p. 27) afirma que “Uma cultura significa um grupo humano que apresenta características próprias em suas construções e formulações: possui um determinado sistema político, econômico, crenças, língua, religião, arte, costumes etc. Cada cultura apresenta uma fisionomia particular, um “jeito de ser” básico que é compartilhado por seus membros”.

Segundo o autor (2005), é o nosso jeito de ser que desenha nossas características expressas em costumes regionais. Dialogando com essa afirmativa, Coutinho, Junior e Schlünzen (2013) afirmam que esse modo de ser, quando é transmitido de uma geração para outra, reproduz e reconstrói a cultura local. Dispondo de um litoral rico em praias, faz parte das

características culturais espírito-santenses a tradição pesqueira. Dividindo os registros anuais em meses, vivenciamos memórias afetivas construídas durante as estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Para um pescador, as estações anuais estabelecem novas configurações em seu local de trabalho e esse é um dos seus desafios, enfrentar um mar calmo ou revolto, alternando períodos de pesca com períodos de defeso. Seguindo viagem em seu barco, deslocando-nos em um mar de tons esverdeados, percorrendo um trajeto de liberdade que evoca um caráter exploratório e aventureiro, somos conduzidos até uma colônia de pescadores, onde está localizada a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, Judith da Silva Góes Coutinho, local de partida e chegada selecionado para esta pesquisa. Nossa escola está localizada no Balneário de Ponta da Fruta, local de veraneio, onde existem muitas casas de praia, restaurantes e um pequeno comércio. Ainda é um bairro sem muita infraestrutura e com saneamento básico escasso. Porém, conta com uma paisagem que impressiona: quando chegamos ao bairro logo avistamos o mar com sua extensão infinita de azuis e verdes. No céu, o rosa em degradê com o amarelo e o laranja se misturam, por vezes, meu olhar também é seduzido pelos tons coloridos dos arco-íris que curvam sobre a reta do asfalto da Rodovia do Sol.

Localizada na Rua Judith Góes Coutinho, de esquina com a praia Rasa e com a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, ao fundo temos a nossa escola, onde meus dias de 2019 foram divididos em jornadas semanais de trabalho. O Projeto Político Pedagógico, PPP, da escola relata os dados históricos de sua origem, afirmando que ela

Começou a funcionar em 1946 com uma sala improvisada na beira da praia. Em 1966 foi reconhecida oficialmente com o nome de Escola Singular “Ponta da Fruta” e em 1986 a escola passou a ser chamada Escola Pluridocente “Ponta da Fruta”. Pouco depois, em 1991, a Escola Pluridocente se transforma em E.P.G.

(Escola de Primeiro Grau) “Ponta da Fruta” e pela portaria 3321 de 24 de julho de 1997 estendeu o atendimento para 5ª a 8ª série. Anos mais tarde, mais precisamente no ano de 2005 passou a ser chamada E.E.E.F.M. JUDITH DA SILVA GÓES COUTINHO. (ESPÍRITO SANTO, 2015, p. 6)

Seu edifício é uma pequena construção de dois andares, que conta com apenas um portão de entrada. Não existe um pátio, apenas uma quadra sem cobertura, onde as crianças e adolescentes socializam. A estrutura escolar é antiga, o prédio necessita de constantes reparos e não existe sala de Arte. Apesar de o entorno escolar ser tão bonito e convidativo, identifiquei, ao chegar nesta unidade escolar, uma ociosidade na utilização dele como potencial local de aprendizagem. Neste contexto, colaborando na descrição local do bairro e da escola, temos a fala do aluno E.R. da turma 1ª M02/2019, que nos confirma que “No entorno da escola tem a praia, onde qualquer um se inspira ao ver suas belezas. No pátio da escola não tem muita coisa para fazer não, é como se fosse um lugar sem nada”. Conforme sua descrição, vimos que os componentes paisagísticos de seu entorno oferecem recursos naturais que podem ser explorados para diferentes atividades artísticas, como desenhos de observação, registros fotográficos e colagens diversas. Essas atividades visando o entorno escolar estimulam a criatividade e facilitam a autoria de trabalhos coletivos e individuais nas artes. A escola atendeu no ano de 2019 – ano de realização da pesquisa de campo – um quantitativo de aproximadamente 252 alunos nos turnos matutino e vespertino.

Grande parte do público da escola Judith Góes Coutinho é morador do Balneário, são filhos de pescadores ou retirantes nordestinos que trabalham em casas de família, na construção civil ou em trabalhos informais. Em sua maioria são estudantes que segundo os dados sobre aprovação retirados do censo

escolar, apresentam defasagem e dificuldades de aprendizagem. A rotatividade de alunos se faz presente durante todo ano letivo, com alguns estudantes inclusive desistindo de estudar. Os alunos que recebemos em nossa escola são, em sua maioria, nascidos no município e também os que vêm dos estados da Bahia, Alagoas, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e residem na região que compreende os bairros: Interlagos, Morada do Sol, Morro da Lagoa, Praia da Sereia, Balneário de Ponta da Fruta, Ponta da Fruta e Guarapari. (ESPÍRITO SANTO, 2015, p. 7)

No período de realização da pesquisa, o corpo docente da instituição era formado por 20 professores habilitados, dentre os quais apenas quatro eram efetivos. O corpo técnico dispunha de duas pedagogas, três auxiliares de secretaria, duas coordenadoras e um diretor. Em 2019 atendeu no Ensino Médio quatro turmas de primeira série, duas turmas de segunda série e uma turma de terceira série no turno matutino. No que tangia à caracterização da proposta pedagógica da escola, o planejamento era feito por área de conhecimento, sendo designadas as quintas-feiras para a disciplina de arte. Na organização curricular do estado, a disciplina é ofertada em todo o Ensino Médio, com uma carga horária de 1 hora-aula por série, totalizando 40 horas anuais. Como citado anteriormente, existe no seu PPP uma preocupação em dialogar com a produção cultural presente na comunidade e é durante as reuniões pedagógicas que inauguram o início do ano letivo que podemos elaborar ações pedagógicas voltadas para a mediação cultural, por isso a intenção de expandir os limites do ensino da arte para além dos muros da escola.

2

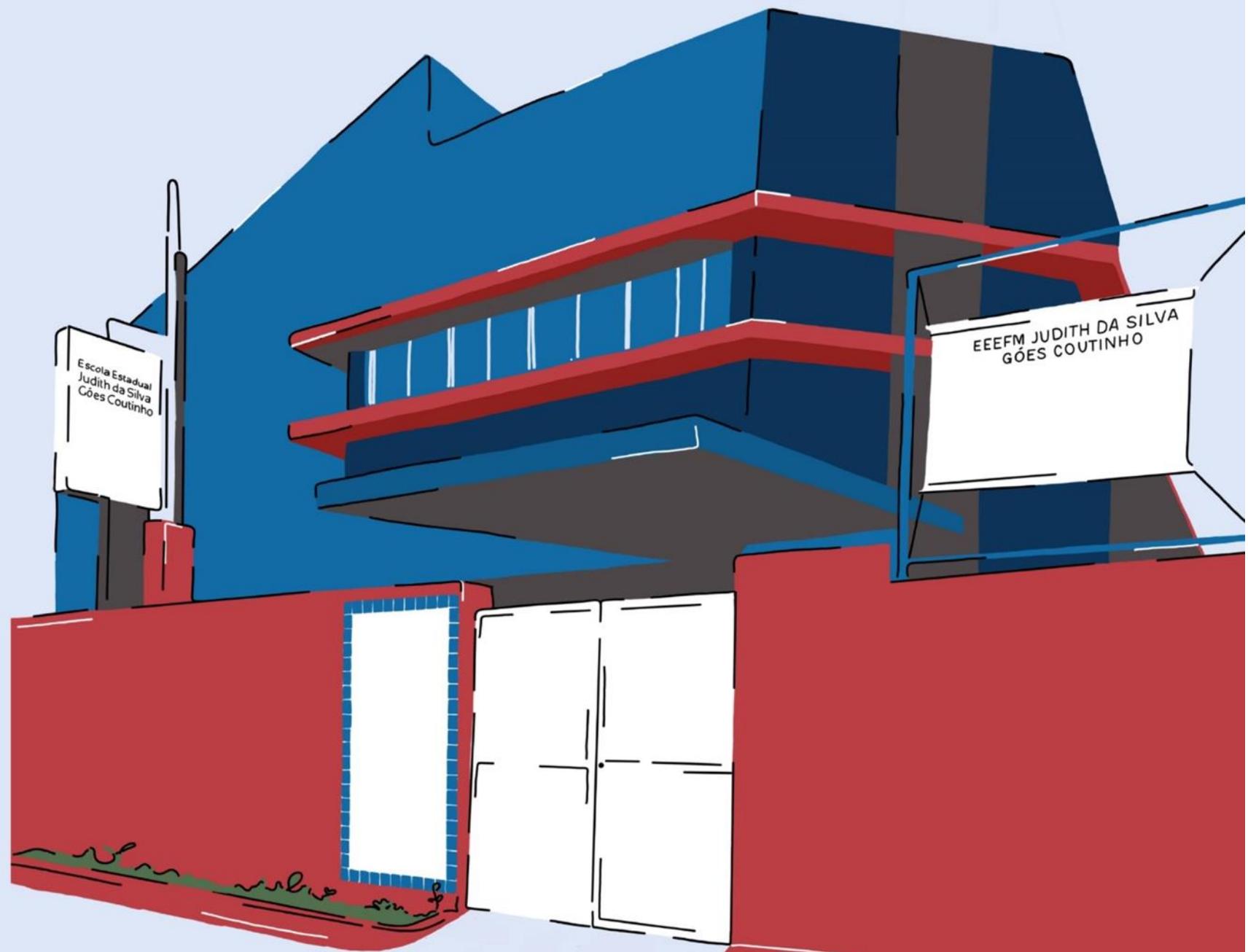


Imagem 5: A fachada da EEFM Judith da Silva Góes Coutinho. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

Como professores andarilhos da cultura, nutridos cotidianamente pela contemporaneidade, em estado de invenção, atentos e sensíveis aos outros que conosco vivem processos educativos poderemos potencializar olhares outros sobre a cultura que está em nosso entorno. Escondida ou exposta, dentro dos espaços expositivos, nas cidades e no campo, na periferia e no centro, ela pode se tornar provocação para ir além das simplificações banais, do consumismo desenfreado ou das produções valorizadas apenas pela má mídia. Quem sabe possamos gerar, a partir de visitas; expedições, reais experiências. A começar por nós mesmos...

Mirian Celeste Martins

2. Um olhar para além da rotina escolar

Percorrendo a rodovia do sol, enfim, o semáforo indica “pare”, uma pausa para um gole de café, já que na pressa diária não foi possível o desjejum. Seguindo meu itinerário, lembro-me de quando iniciei minha carreira docente e fui trabalhar no bairro Terra Vermelha, no município de Vila Velha, no Espírito Santo. Nessa época a Secretaria de Educação do Espírito Santo, SEDU, ofertou-nos um curso de formação para professores embasado na Lei nº 10.639/03³, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história, da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica. Durante a realização dessa formação, desenvolvi, como proposta de intervenção escolar, um curso para meus alunos do ensino fundamental II abordando a temática das relações étnico-raciais, da cultura afro-brasileira e do respeito às diferenças no ambiente escolar. Essa foi uma experiência gratificante, com a qual alcancei resultados que desenvolveram minha prática escolar. Na apresentação da proposta do projeto realizado, obtive o reconhecimento da Secretaria de Educação como um dos melhores projetos de intervenção escolar, pois dialogava com a Lei, que coloca:

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, de posturas e de valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial: descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, descendentes de asiáticos. Estes são estimulados a interagirem na

³ Atualmente a Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, anteriormente modificada pela Lei 10.639/2003, referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas, hoje incluídas obrigatoriamente em todo currículo escolar.

construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 10)

A partir dessa formação, analisei novamente os conteúdos já lecionados em outros anos letivos e percebi a pouca valorização da cultura brasileira dentro do currículo escolar, fato que muito me incomodou. O estudo sobre nossa cultura se tornou meu interesse de pesquisa no ensino da arte e procurei a, partir daí, sempre relacioná-la na minha prática escolar. Sendo assim, sempre que chegava a uma escola para iniciar meu trabalho, buscava conhecer as características da comunidade local, bem como as suas referências locais identitárias. A partir dessa análise, organizava ações escolares que incentivassem a valorização das manifestações artísticas locais. Ao longo dos anos, fui consolidando, nessa prática de valorização cultural, a realização de visitas mediadas em espaços promotores da arte ou patrimônios culturais. Eu observava, nas escolas, os professores de geografia e história realizando aulas de campo e me interessei por realizar também no ensino da arte.

No planejamento de minhas ações, para além da rotina diária escolar, questiono-me sempre: de que forma posso relacionar o projeto curricular escolar com outros espaços significativos de aprendizagem? Se o que busco é uma participação ativa na construção do aprendizado durante as aulas, como colocar em prática essa proposta pedagógica? Então, no decorrer desses anos, conforme conseguia estabelecer com a escola um diálogo entre o conteúdo curricular e nossas aulas de campo, as ações culturais foram ganhando força, tendo como culminância trimestral a realização de visitas mediadas tanto a espaços expositivos, como explorando o entorno escolar.

Para Maria Filisminda de Rezende Ferraz e Maria Heloísa Corrêa de Toledo Fusari (2009, p. 150), “Ensinar a fazer e a apreciar a arte, portanto, requer a preparação e sistematização do trabalho pedagógico, que se faz por intermédio de atuações didáticas bem planejadas, desenvolvidas, registradas tanto em seu processo como também nos resultados”. Considerando no ensino da arte a possibilidade de promovermos o desenvolvimento estético dos alunos, a preparação para a concretização de uma aula de campo ou saída pedagógica é um processo que requer organização, compromisso e disposição por parte do professor. Esse processo pode se estender por meses de planejamentos de ações e pesquisas para se estabelecer um itinerário de visitação. Nessa conexão escola/espacos expositivos é preciso acontecer uma parceria, pois

O saber   construído coletivamente, mas mediado pela figura do professor, que conhece os repertórios dos seus estudantes e também pela figura do mediador, que tem um domínio teórico do que está exposto no museu. Os processos desenvolvidos durante a visita se baseiam nestas trocas entre o que cada sujeito tem para acrescentar, problematizar ou questionar a partir do que foi dito pelo outro. (ROCHA, 2015, p. 182)

Assim, analisamos com Rocha (2015) e Ferraz e Fusari (2009) a importância do papel do professor que, na compreensão dos repertórios artísticos dos seus estudantes, poderá criar estratégias para realiza o da media o artística escolar, destacando também a importância das trocas entre sujeitos. Existe na escola pública uma modalidade de público em potencial que necessita ser estimulada a ter encontros com a arte, já que a possibilidade de se apropriarem desse conhecimento, muitas vezes, só será oportunizada por meio das saídas pedagógicas articuladas nas escolas. É de suma

importância fortalecer nos alunos o sentimento de pertencimento, uma vez que são as vivências artísticas e práticas culturais que atribuem sentido e significado ao mundo natural e social por meio do encantamento, do questionamento e da exploração do meio.

Em função disto, entendo que o trabalho de um educador/mediador, tanto na escola quanto num museu, busca – ou deveria buscar – estimular este processo ativo, consciente e dialogal em seus respectivos estudantes/espectadores. E se pensarmos no ensino de arte – formal, não-formal e informal – para a população de uma forma geral, sem a preocupação e/ou função primeira da formação de artistas e/ou profissionais das artes, não seria o grande objetivo justamente a formação de “espectadores reconstrutores” ? (ORLOSKI, 2015, p. 83)

A reconstrução da obra pelo espectador perpassa pela apropriação que ele faz dela, ou seja, é necessário, como pondera Orloski, que o acesso à cultura artística seja mais democratizado, para que exista o diálogo entre o aluno/espectador e as obras a partir de seu próprio repertório construído. Para estimular esse processo ativo, a escola se torna um potencial agente facilitador, e o professor assume o papel de motivador, mediador e propositor desta proposta de ensino. No processo educativo, o professor pesquisador, reflexivo e mediador tem o desafio de construir novas alternativas pedagógicas, propondo aventuras e novas descobertas, ampliando seu espaço de docência, pois

Pensar no docente como um mediador cultural é pensar também em mais um dos saberes para sua constituição docente e, conseqüentemente, pensar nas contribuições que essa ação trará para o campo da educação e da formação humana. Compreendemos, dessa forma, que não é somente o professor responsável por esse processo, mas sim que ele é mais um mediador dessa relação. (CARVALHO *et al.*, 2015, p. 25725)

Carvalho *et al.* amplia o papel do professor quando pensa a mediação cultural como um saber da docência destacando as contribuições que essa ação trará na formação humana. Iavelberg (2003, p. 77) afirma que “Fazer a mediação entre o público e a obra é ensinar arte [...]” e assim também destaca a importância do professor enquanto mediador dessa relação de aprendizagem dentro do ensino da arte. Considera-se, portanto, que as propostas de mediação cultural que partem das escolas promovidas pelo professor de arte buscam a quebra desse paradigma do distanciamento dos equipamentos culturais.

Minha concepção de ensino da arte construída no processo como docente considera essencial que meus alunos tenham contato com a arte, seja em espaços institucionalizados ou não, ou seja, desejo que experimentem transitar nos campos da arte e da cultura por meio da mediação cultural elencada a partir da escola, promovendo saídas pedagógicas que alterem a rotina escolar e levando o educando a estabelecer uma vivência que relacione os conteúdos curriculares com o conhecimento cultural e artístico da nossa sociedade.

Dessa forma me coloco como mediadora da experiência dos estudantes no contato com a arte, vendo não somente o educador de museus e espaços culturais como mediador, mas também o arte/educador que atua nos espaços formais de educação. Nessa busca por uma vivência em espaços artísticos, de forma a enriquecer a formação cultural dos meus alunos, que moldo meu modo de ser professora de arte. Durante a realização do questionário investigativo para esta pesquisa, perguntei a meus alunos se eles consideravam importante para a sua aprendizagem a realização de visitas mediadas e estas foram algumas respostas:

Sim, pois através dessas visitas vários alunos podem ter inspirações podendo aflorar seus talentos e aprender culturas novas. (M.C., 2ª M01)

Sim, pois elas nos dão uma perspectiva diferente no modo que vemos a arte, observando essas artes de rua e de museus que nos inspiram para fazermos nossa própria arte. (T.C., 2ª M02)

Sim, pois podemos aprender muito mais rápido do que em sala de aula. Podemos observar melhor e aprendemos melhor e mais rápido. (S., 1ª M03)

Sim, porque assim aprendemos mais sobre a arte do nosso país e a sua cultura. Conhecemos o passado e o presente que vivemos. (R.S., 1ª M03)

O que aqui se coloca são falas dos estudantes refletindo acerca das suas percepções sobre as vivências proporcionadas. Nota-se que eles utilizam as palavras talento, perspectiva, cultura e aprender, expressando de que forma se sentiram tocados pelas ações de mediação cultural. Ainda pensando de que forma o seu repertório artístico e entendimento sobre a arte pode ser ampliado é que me decido a explorar um olhar para além da rotina escolar. Acreditando na formação cultural como parte essencial do ensino da arte, causa-me inquietação não promover ações de saídas pedagógicas, pois as percebo não apenas como ações complementares das práticas realizadas no âmbito escolar, mas como essenciais para o processo formativo em arte. Dessa forma, a disciplina de Arte não se apresentará para os alunos nas escolas apenas como cópia de textos no quadro branco ou na identificação de imagens por meio de materiais gráficos ou projeções, mas se realizará no contato direto e físico com artefatos culturais.

Freire (1996, p. 13) nos afirmou que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina

ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém”. Ensinar é comum ao ser humano enquanto ser sociável, aprendemos uns com os outros constantemente. A mediação cultural possibilita trocas de aprendizagem mútuas entre os alunos, mediadores e educadores. No contexto escolar, esse verbo, como afirma Freire, pede um objeto direto e um indireto que conecta dois querereres. O querer do aluno, que busca na escola aulas desafiadoras e dinâmicas, e o querer do professor, que busca realizar o seu ofício valorizando as especificidades da sua área de conhecimento.

Refletindo com Freire sobre uma participação mais ativa dos meus educandos, escuto o sinal tocar. É a hora da entrada, subo as escadas e atravesso o corredor. Abro a porta e, ao adentrar a sala de aula, antes mesmo de deixar meus materiais na mesa, meus alunos já me perguntam: “o que vamos fazer na aula de hoje?”. Por vezes, paro em frente à turma e, observando o seu comportamento, noto as características peculiares que orientarão minha postura em sala de aula. Traçando um mapa mental e dividindo a sala por comportamentos. Reparo que a turma da frente está entediada, mas espera ansiosamente a aula começar; que a turma do meio está conversando ou ouvindo música em seus celulares e desligada do mundo ao seu redor; vejo ainda alguns alunos pelos cantos terminando ou copiando do colega a tarefa de matemática e, enquanto isso, na turma do fundo, a conversa rola solta. Nessa hora, eu respiro fundo e, irritada, olho para o quadro ainda com conteúdo da aula do dia anterior, lotado de textos para cópia. Penso no tédio que tem sido a semana para eles e no quanto eu queria encontrá-los motivados e animados para a aula. Interrompo essa atmosfera e lanço a

minha recorrente pergunta:

- Trouxeram o material? Perguntas e afirmações são lançadas dos quatro cantos da sala de aula.
- Que material?
- Você não pediu nada não!
- Ela pediu sim! Vocês que não anotaram!
- Alguém mandou a foto do conteúdo do quadro para o nosso grupo?

Mais uma vez recordo nossa programação, já esquematizada, de revezamento entre uma aula teórica e uma aula prática⁴. As aulas teóricas acontecem com recursos audiovisuais, pois facilitam a contextualização e a apreciação estética. As aulas práticas são as preferidas dos meus alunos, visto que valorizam seu processo de criação e a experimentação de diferentes materiais. No decorrer da minha prática como professora, identifiquei que meu esquema de revezamento cativava os estudantes, pois facilitava a criação de projetos escolares que os tornavam protagonistas da aprendizagem, favorecendo também o estabelecimento de nossos laços afetivos.

Iniciei minhas atividades na EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho em 2017, atuando na educação básica no ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio. Realizando um diagnóstico do ensino da arte na instituição, no

⁴ Com apenas uma aula por semana no Ensino Médio direciono um plano de revezamento semanal que chamo de aula teórica e aula prática. Após organizar uma sequência de aulas de acordo com o conteúdo de cada trimestre, apresento uma aula de contextualização histórica e apreciação artística alternada por aulas de estudos compartilhados de experimentação artística com a produção dos projetos visuais e artísticos.

momento do meu ingresso, pude observar uma carência na aprendizagem, sobretudo na formação relacionada a visitas mediadas em espaços expositivos, o que implicava, conseqüentemente, em um baixo repertório cultural, imagético e artístico dos estudantes, que conheciam pouco da arte local, remetendo sempre às mesmas referências. Alguns alunos também possuíam bloqueios no processo de criação e dificuldades em executar trabalhos em grupo, mas, de modo geral, percebi que se tratavam de turmas participativas e interessadas no processo de aprendizagem.

Identificando as dificuldades presentes no ensino da arte desta unidade escolar e tendo em vista a mudança desse panorama, comecei a desenvolver ações avaliativas de forma contínua, formativa e integrada à prática artística. Assim, buscando um olhar para além da rotina escolar, nossas aulas tinham uma dinâmica de trabalhos coletivos e colaborativos, nas quais os alunos poderiam desenvolver seus processos de criação, manifestando seus interesses visuais, poéticos, artísticos e imagéticos.

Partindo desse pressuposto, compreendia que a conexão e aproximação com produções artísticas *in loco*, em espaços diferenciados e ampliados da sala de aula comum propiciava novas experiências educacionais para os estudantes da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho, inclusive, incidindo na melhora disciplinar e participação ativa dos alunos nas aulas. Considerando a própria arquitetura escolar, a mudança de espaço permitia outras relações, existia um maior envolvimento por parte dos alunos nas aulas de arte que eram vivenciadas no contexto escolar utilizando o espaço do refeitório, do pátio ou da quadra escolar. Assim, para além da valorização das saídas como parte da dinâmica do ensino da arte, ao longo dos trimestres, organizei no planejamento escolar ações de trabalhos em grupos, proporcionando

intervenções artísticas no espaço escolar. Analisando as diferenças percebidas por meus alunos entre as aulas realizadas dentro da sala de aula para as que ocorriam no pátio e no entorno escolar, destaco os seguintes comentários:

Na sala de aula fazemos coisas normais como o dever, aulas de desenho e cor. Fora da sala de aula fazemos coisas diferentes como criar novas experiências em lugares diferentes e ver coisas novas como conhecer a arte na prática. (G.1ª M02)

Quando ficamos na sala de aula nunca dá certo, sempre ficamos de conversinha atrapalhando a professora. Mas quando vamos para fora da sala a aula parece ser mais legal e os alunos são mais interessados e ficam mais tranquilos. (M.1ª M03)

As aulas fora da escola são mais divertidas. A gente aprende mais em aulas fora da escola do que dentro dela. Dica para os professores! E a gente não fica só sentado na sala podendo interagir com alunos e professores". (G.1ª M03)

Acho que as aulas de arte podem sim ser melhor fora da sala, pois na sala de aula não temos lugar para trabalhar direito. Não temos mesas adequadas para isso. (J.,1ª M03)

No pátio temos acesso a outros alunos, aos painéis e murais da escola que estão no refeitório". (C.2ª M01)

Ter aula apenas dentro da sala se torna algo repetitivo e cansativo. (R. 2ª M01)

As imagens abaixo retratam algumas experimentações reportadas por meus alunos em seus relatos.



Imagens 6, 7 e 8: Aulas extraclasse. Fonte: Acervo pessoal.

Vejo de forma positiva as análises sobre os impactos que os deslocamentos para fora da sala de aula causavam para o desenvolvimento das aulas. É possível notar em seus relatos o aumento do interesse pela disciplina, pelo processo de criação, de apreciação artística de trabalhos expostos e o envolvimento nas aulas. Também era notória a redução da indisciplina escolar quando saíamos do espaço demarcado pelas carteiras escolares e íamos trabalhar em grupo nesses outros espaços. A realização das produções artísticas os envolviam de forma prazerosa e era durante esses momentos

de criação que eu conseguia avaliar o desenvolvimento pessoal e os processos de descobertas e experimentações estéticas.

2.1 A mediação cultural como prática pedagógica: o ensino da Arte na EEFM Judith da Silva Góes Coutinho

Em minha prática docente, mesmo estabelecendo mudanças na rotina das aulas de Arte na EEFM Judith da Silva Góes Coutinho, continuei sentindo a necessidade de expandir minhas aulas para além do espaço delimitado pelo muro escolar. Dessa forma, no decorrer do ano letivo, principalmente no início de cada trimestre escolar, apresentava as propostas de mediação cultural que cooperavam para a formação e ampliação do repertório cultural dos meus alunos. Não somente explorando os espaços institucionalizados culturalmente, mas também pensando na importância da história cultural do bairro o qual a escola ocupa. Sobre esse aspecto, o Currículo Escolar do Espírito Santo propõe que

[...] o ensino da Arte de modo que se acolha a diversidade do repertório cultural que o estudante traz para a escola, trabalhe-se com os produtos da comunidade em que a escola está inserida e também que se introduzam conteúdos das diversas culturas e épocas, a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante, na sociedade, como cidadão informado, crítico e autônomo. (ESPÍRITO SANTO, 2020, p. 74)

Minha intenção inicial era oportunizar nas aulas de arte uma vivência de fruição artística destacando também o papel preponderante dos espaços não formais para a aprendizagem. Construindo novas alternativas pedagógicas por meio da

mediação cultural, foram promovidas ações de vivências escolares que compreendiam as transformações que ocorriam no bairro em que vivem a partir do contexto histórico e cultural capixaba. Desse modo, a aprendizagem artística transformada em ação pedagógica permitiu que o fluxo das relações sociais entre a escola, o aluno e os espaços expositivos acontecesse.

Para Martins e Picosque (2012, p. 25), “A mediação cultural, como facilitadora do encontro entre a arte e o fruidor precisa ser pensada como uma ação específica, como uma área de estudo singular” e, assim sendo considerada, podemos reafirmá-la como uma metodologia pedagógica para o ensino da arte. Podemos identificar, como supracitado, o papel do professor de arte enquanto mediador escolar cultural e como um contextualizador/conector que promove o encontro entre o público e as manifestações culturais representadas em todo o mundo, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais, ou que estejam ocupando museus, galerias, instituições e ruas. A esse respeito, como complementa Coutinho (2012, p. 10), “O professor mediador que organiza, estimula, questiona e aglutina em sua ação educativa precisa considerar as relações de uns com os outros e as várias camadas contextuais que o mundo nos oferece”.

Em minha prática é essencial o aprender uns com os outros e propiciar esses momentos de interação requer pensar e formular junto com eles as ações educativas para a realização da mediação cultural. A pergunta que sempre fazem para mim é:

- A gente vai poder sair professora?

É compreensível a ansiedade por vivenciarmos nossas saídas pedagógicas⁵, afinal, as aulas moldadas na rotina dos 55 minutos que mudam apenas ao toque de um sinal sonoro contribuem para uma aprendizagem escolar pouco atrativa. É sempre nítido o desejo de ir embora logo da escola, tanto dos docentes quanto dos discentes, todos saturados pela rotina exaustiva de trabalho e estudo. Muitas vezes nos sentimos presos dentro da escola e restritos ao seu espaço interno e, por vezes, soa até como um ato de rebeldia querer sair com seus alunos para uma visita de mediação cultural. Tudo precisa ser bem elaborado, planejado e apresentado para a equipe pedagógica e de gestão escolar. Dessa forma, é indicado que seja elaborado um projeto justificando os motivos e objetivos pretendidos ao se realizar essa atividade. Muitas vezes me é sugerido: “elabore um projetinho professora”.

No entanto, planejar uma atividade em ambientes fora da escola requer mais que apenas um “projetinho”, as ideias para a realização dessas saídas pedagógicas, por vezes, surgem a partir de um questionamento levantado em sala de aula. Também pode ser a realização de um projeto escolar ou, simplesmente, a abertura de uma exposição artística. Na minha concepção de ensino da arte, apenas o fato de irmos para uma exposição para apreciação artística já é a justificativa para a realização de uma visita/saída pedagógica. Mas planejar nossas saídas sempre foi um desafio. Foram diversas dificuldades enfrentadas para a concretização das ações pedagógicas de mediação cultural por parte do corpo administrativo e pedagógico da escola, desde o preparo para as saídas, até a execução do planejamento delas.

⁵ As visitas mediadas são comumente chamadas no ambiente escolar de saídas pedagógicas ou aulas de campo.

Algumas justificativas para não realizar visitas mediadas com alunos ocorrem devido ao medo da responsabilidade de sair com as turmas, mudança na rotina escolar ou até mesmo o receio em experimentar outras práticas de ensino. É interessante ressaltar que a organização interna da escola colabora muitas vezes para que as visitas mediadas não aconteçam. O processo demanda tempo, é moroso e, em muitos momentos, desgastante. Diante dessas barreiras existentes, faz-se necessário estabelecer, a princípio, um diálogo institucional de planejamento com a equipe pedagógica para realização da visita, o que muitas vezes demanda uma negociação, um planejamento massivo e a superação de um processo burocrático.

Esse processo pode soar cansativo e, devido aos muitos empecilhos, é compreensível que muitos professores não consigam efetivamente sair das escolas com seus alunos. Existem importantes decisões que precisam ser tomadas para estabelecer estratégias de saída escolar. Dentre elas podemos citar: selecionar as turmas participantes ou até mesmo quais alunos poderão sair da escola, providenciar o transporte e a merenda escolar, analisar no calendário letivo a semana de provas, organizar o horário especial de aula (por vezes negociando com colegas professores a troca de aulas e turmas), providenciar um funcionário para auxiliar a professora e acompanhar a turma na saída pedagógica, preparar os bilhetes de autorização dos responsáveis e, posteriormente, conferir se todos os estudantes estão em posse destes.

Além dessa sistematização de funções, é pertinente demarcar também a etapa prévia de preparação enquanto professora, que envolve visitar o espaço antecipadamente, dialogar com os núcleos de educação das instituições ou órgãos responsáveis pela recepção dos públicos e desenvolver projeto que relacione os conteúdos trabalhados em sala

de aula com as temáticas dos espaços e exposições (questão comumente cobrada por parte das equipes de coordenação escolar). Esse outro conjunto de etapas evidencia o quanto a saída do espaço escolar e a valorização da vivência da mediação cultural representa um desvio da prática automatizada e alienante da prática docente a que acabamos submetidos pela sobrecarga de trabalho. Esse processo está dividido em momentos de ações que foram programadas para serem desenvolvidas durante o trimestre, tais como: visita prévia ao local, elaboração de uma proposição escolar, realização de visita cultural e conclusão das ações pedagógicas na escola no retorno. São as ações que faço para aproximar e trazer para os meus educandos reflexões sobre a arte de forma a sensibilizá-los para a fruição e apreciação artística.

Para representar o meu itinerário enquanto educadora, elaborei um breve roteiro de planejamento escolar (ilustrado no Anexo A) contendo as etapas das ações pedagógicas que foram realizadas durante o desenvolvimento desta pesquisa, estruturando o desenvolvimento de uma conexão pedagógica para a mediação cultural, são elas:

1ª etapa: Escolher o tema a pesquisa;

2ª etapa: Selecionar questões e hipóteses a respeito do tema escolhido;

3ª etapa: Fazer um estudo de exposições artísticas e/ou patrimônios históricos e culturais que poderão propiciar uma experiência estética a partir da temática trabalhada;

4ª etapa: Realizar reunião pedagógica para agendamento das datas de visitação, conciliando a agenda da instituição

com o calendário e horário escolar;

5ª etapa: Preparar e entregar os bilhetes escolares com autorização de saída;

6ª etapa: Realizar a aula de campo/visitação/apreciação estética;

7ª etapa: Retornar para a escola e concretizar as proposições de atividades artísticas. Refletir e analisar a arte como produtora histórica e cultural;

8ª etapa: Realizar a exposição de trabalhos e confecção do portfólio de arte com as ações que resultaram da experiência de apreciação artística por meio da mediação cultural e avaliação da aprendizagem escolar.

As etapas elaboradas deixam claro todo processo que professores precisam realizar e a que, no decorrer dessa pesquisa, precisei recorrer para que fosse possível ocorrer a mediação cultural com meus alunos. Nessa proposta didática, além de visitarmos instituições culturais, busquei também levar o educando a reconhecer a realidade artística do seu bairro, valorizando a comunidade em que vive e a sua cultura. Para este trabalho de pesquisa selecionamos três visitas de mediação cultural realizadas durante o ano letivo de 2019: o patrimônio histórico Palácio Anchieta, que também abrigava a exposição *33ª BIENAL/SP Afinidades Afetivas*, no centro de Vitória, o Museu Vale, que estava com a exposição *O Brasil que merece o Brasil*, em Vila Velha e a igreja *Nossa Senhora dos Navegantes*, no entorno escolar do bairro Ponta da Fruta. A seguir apresento as narrativas das nossas visitas mediadas bem como sua análise.



Imagem 9: A fachada do Palácio Anchieta.
Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

Quando vi monumentos históricos ainda preservados e conservados para a visita, os quadros e objetos me fizeram voltar ao passado como nos livros!

2.1.1 O Palácio Anchieta e a exposição 33ª Bienal de São Paulo

Tendo em vista que o documento, Currículo Básico Escola Estadual (2009, p. 94), propõe para estudo do conteúdo de patrimônio cultural a pesquisa da “[...] arte em suas manifestações artísticas, culturais, em âmbitos local, regional, nacional e internacional em diferentes tempos históricos (artistas locais, regionais, nacionais e internacionais, heranças culturais, grupos regionais, nacionais e internacionais, entre outros)”, considerei ser possível promover essa formação através da realização de vivências estéticas no ensino da arte. Buscando interações presenciais entre meus alunos e patrimônios culturais pouco conhecidos por eles, elaborei ações em sala de aula através de uma pesquisa sobre patrimônios históricos artísticos e nacionais. Abordamos em nossos estudos os monumentos, os conjuntos de construções e sítios arqueológicos de fundamental importância para construção da memória e identidade de uma região. Realizamos uma pesquisa no site da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre os patrimônios históricos mundiais e nacionais. Após apresentação em sala de aula de vídeos sobre a temática, explorando também a cultura capixaba, fizemos um recorte de pesquisa sobre as importantes construções arquitetônicas da história da cidade de Vitória. No decorrer das aulas, apresentei vídeos da série “Somos todos capixabas”, que narravam o contexto cultural do nosso estado e contextualizavam as construções arquitetônicas do centro de Vitória.

Sendo identificado como um prédio amarelo com escadaria branca, localizado na Cidade Alta, bairro do centro do município de Vitória, a atual sede oficial do governo do Espírito Santo chama atenção com sua construção arquitetônica

de inspiração neoclássica. Foi uma igreja, a residência e o colégio dos jesuítas. No período de 2004 a 2009, o prédio passou por uma grande obra de restauração externa e interna, permitindo, após a reabertura, a realização de exposições, de eventos e de atividades culturais. Também conta com uma diversificada grade de ações voltadas para atividades culturais escolares: como lançamentos de materiais educativos; exposições e cursos de formação para professores, com palestras e encontros com convidados – artistas, curadores e especialistas em diversos assuntos.

Escolhemos o Palácio Anchieta como local a ser visitado, pois além dos alunos não o conhecerem, tínhamos também a oportunidade de visitar a sua galeria de arte, que estava expondo uma parte da *33ª Bienal de São Paulo Afinidades Afetivas*, com a *Itinerância Vitória*, em que vislumbrei uma oportunidade única de visitarmos uma Bienal. Foi assim que, no dia 4 de junho de 2019, nossa visita mediada foi realizada com as turmas das 1ª séries do ensino médio.

No dia em que vamos realizar nossa saída pedagógica existe uma ansiedade e inquietação no ambiente escolar. Os alunos que chegam já são orientados a não se encaminharem para a sala de aula e ficam aguardando no pátio da escola. Então, só após eles entregarem as autorizações e o/os responsável/veis, normalmente são o professor de arte e um professor de outra disciplina ou alguém da equipe pedagógica, conferir/em toda a listagem é que podemos entrar no ônibus e seguir viagem. Para realizar essa visita estive acompanhada do professor de geografia da escola, que se prontificou a me auxiliar com os alunos durante a aula de campo.

Saímos da Ponta da Fruta por volta das 7:20 da manhã e seguimos o trajeto para o centro de Vitória. Ao chegarmos, subimos pela escadaria do Palácio Anchieta e logo registramos, fotograficamente, esse momento com a turma. Enquanto

aguardávamos nosso horário de atendimento, aproveitamos a oportunidade para uma pequena caminhada pelo centro de Vitória, assim, os estudantes também puderam conhecer a Catedral Metropolitana, que fica bem próxima ao Palácio Anchieta. Os alunos ficaram deslumbrados com seus vitrais e a arquitetura eclética com característica neogótica. Não havia no momento um mediador para realizar a visita no local, então o vigia se colocou à disposição, fazendo uma breve apresentação histórica.

Em seguida, rapidamente, retornamos caminhando para o Palácio Anchieta e cada parte do trajeto era motivo para pararmos e, com os celulares em mãos, registrar cada momento daquela vivência única na vida daqueles estudantes. O entusiasmo deles era evidente em cada gesto, em cada fala:

- Professora, posso comprar um refrigerante com coxinha?
- Não gente, dentro do Palácio Anchieta vocês não poderão comer nada, na volta vamos lanchar!

Eles andavam em grupos, riam, cantavam e interagiam comigo e com o professor de geografia, demonstrando maior aproximação afetiva. Nesse breve momento, eu percebia o quanto uma manhã de aula em campo, além de ser uma atividade educativa, pode influenciar positivamente a relação professor-aluno. Finalmente, iniciamos nossa visita mediada ao Palácio, onde conheceríamos a história da sua construção, que seria narrada através das obras expostas e da estrutura arquitetônica. Também veríamos as obras da itinerância da Bienal. Assim que fomos atendidos pelo setor educativo, dividimo-nos em dois grupos para o atendimento, dessa forma, o professor de geografia acompanhou um grupo de estudantes e eu o outro. Ao adentrarmos o Palácio, fomos conduzidos pelos mediadores para uma roda de

conversa e em seguida fomos visitar a exposição. Olhares curiosos e investigativos percorriam as paredes, provocados



Imagem 10: O professor de Geografia, os alunos e o mediador cultural durante a visita ao Palácio Anchieta. Fonte: Acervo pessoal.

pelas diferentes obras ali presentes. Durante a visita ocorreram muitas trocas dialógicas proporcionadas pelos mediadores, que, a todo momento, convidava os alunos para uma leitura de obra compartilhada. Percebi que havia uma troca colaborativa, na qual o repertório dos estudantes era valorizado. Era nítido o envolvimento e o interesse dos estudantes em compreender o conteúdo da mostra, pois prontamente respondiam as questões levantadas, assim o debate na roda de conversa da mediação era ampliado.

Confesso que, de vez em quando, eu me aproximava do outro grupo para analisar não somente o comportamento dos alunos, como também para observar se o professor estava gostando e se envolvendo no processo de interação proposto pelo mediador cultural daquele grupo. Na imagem ao lado percebemos o envolvimento e a participação do professor, que não era da área de arte, mas se dispôs a aprender juntamente com os alunos através dessa experimentação estética. Foi interessante notar a sua abertura para se sentar juntamente com a turma e o mediador cultural e participar da roda de conversa acerca das obras, envolvendo-

se em todas as ações educativas propostas. Nesse aspecto, percebe-se que as ações interdisciplinares envolvendo a

mediação cultural também podem potencializar o interesse de docentes que lecionam outras disciplinas pela arte, além de possibilitar maior interação entre as disciplinas do currículo escolar.

Encerrando a visita, fomos direcionados a alguns espaços do Palácio Anchieta, onde a história de sua construção foi narrada e detalhada pelos mediadores. No final da visita, sentamo-nos no antigo pátio do Palácio, percebi meus alunos cansados, porém, utilizando o termo cunhado por Mirian Celeste, “contaminados esteticamente” e prontos para replicarem na escola, em sua família ou com amigos os efeitos estéticos causados por nosso encontro. Dentro do ônibus, no retorno para escola, já se nota uma troca das experiências e sensações vivenciadas por eles, isso em meio a cantorias, batucadas e brincadeiras. Assim, escutei:

- Julliana roubou pão na casa de João!

Entrei na brincadeira e, em meio a animação, eu e o outro professor começamos a servir o lanche oferecido pela escola, enquanto eles compartilham seus biscoitos e chocolates. Outra rodada de lanches com mais postagens de fotos nas redes sociais. Entre telefonemas avisando sobre nosso retorno, percebi, nos olhares deles, a satisfação por termos conseguido sair da escola e realizarmos a visita que estava sendo ansiosamente esperada. Mesmo preocupada em cumprirmos o horário de retorno para a escola, enquanto professora, senti-me também uma mediadora cultural, a sensação de ter conseguido efetivamente acessar com meus estudantes os locais visitados naquela manhã, foi de êxito.

Eu já havia ouvido falar do Museu Vale na televisão e pela professora de arte. A primeira vez visitando o local foi com a escola, para visitar a exposição “Um Brasil que merece o Brasil”, de Walter Firmo.

L. N. 1º M03



Imagem 11: A fachada do Museu Vale. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

2.1.2 O Museu Vale e a exposição O Brasil que merece o Brasil

A segunda proposta de visita foi realizada a partir de uma percepção do meu campo de atuação. Na EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho pude observar uma carência em relação ao repertório cultural, sobretudo na valorização identitária negra no ambiente escolar. Sendo assim, no início do ano letivo de 2019 incluí no meu planejamento de ensino desenvolver um projeto escolar que promovesse ações culturais baseadas na Lei 11.645/2008, referentes à história e à cultura afro-brasileira e dos povos indígenas. Foram agentes motivadores desse projeto escolar: refletir sobre a intolerância e o preconceito social e reconhecer a cultura africana e indígena como elementos primordiais na formação histórica-cultural brasileira. Incomodava-me perceber a permanência de poucos estudantes negros na escola e saber que as condições sociais e materiais que ocasionam situações de pobreza e extrema pobreza colocavam nossos estudantes em situações nas quais era necessário, muitas vezes, que eles escolhessem entre estudar ou trabalhar. Na escola presenciei situações nas quais esses alunos eram culpabilizados e responsabilizados pelo fracasso escolar, por sua pobreza e por sua condição social. Sendo incentivados, inclusive, a procurarem, em outra escola, o ensino noturno da Educação de Jovens e Adultos – EJA, para não prejudicarem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB daquela unidade de ensino.

Senti que era preciso desenvolver ações de intervenção pedagógica para construir e reconstruir a autoestima desses estudantes e que elas deveriam existir dentro do ambiente escolar através de práticas voltadas principalmente para aqueles que são vitimados por adversidades cotidianas que os levam à vulnerabilidade. Nosso projeto *Raízes negras na*

escola surgiu a partir desse diagnóstico e foi elaborado de forma participativa em parceria com os professores da área de códigos e linguagens e com os alunos do Ensino Médio, construindo de forma conjunta as ações pedagógicas.

Foram realizadas aulas expositivas dialogadas com recursos audiovisuais, nas quais ressaltamos a valorização da identidade capixaba permeada pelas as heranças das culturas indígenas e negras, utilizando a sala de informática para exibição de vídeos para contextualização histórica, reflexão temática e a apreciação estética. As aulas práticas buscaram valorizar o processo de criação e a experimentação de diferentes materiais, abordando a temática fortalecemos o respeito às diversidades. As turmas foram participativas e interessadas e se sentiram envolvidas em atividades nas quais puderam desenvolver ações que promoveram debates que visavam a combater práticas racistas e discriminatórias difundidas no cotidiano escolar.

Nesse contexto, a realização da visita mediada propunha uma ação para encorajar a ampliação do conhecimento sobre a temática, ressignificando esses conhecimentos adquiridos. Fazendo o acompanhamento no site do Museu Vale, tive conhecimento de que aconteceria a exposição *O Brasil que merece o Brasil*, de Walter Firmo. A temática da exposição se conectava perfeitamente com o projeto escolar que estava em andamento, portanto, inscrevi-me no *workshop* da exposição e consegui agendar a visita para os meus alunos. Utilizei a mediação cultural como uma ação que estimulasse os meus estudantes através da fruição artística a valorização da cultura dos povos africanos trazidos à força para o Brasil. Buscando as concepções de Martins (2008, p. 26), “A obra de arte nos obriga a rever nossos próprios conceitos, nos leva a pensar. Uma obra de arte nos faz ver através de outras perspectivas, pontos de vista diversos”,

considerarei que, através dessa visita, as obras de arte possibilitariam para meus alunos negros a construção de um novo olhar sobre si e seria importante provocar nesses alunos, através da arte, uma nova perspectiva de valorização identitária.

Depois de cumprir o roteiro de planejamento escolar contendo as etapas das ações pedagógicas para realizar a aula de campo, na manhã do dia 30 de agosto de 2019, fomos ao Museu Vale visitar a exposição do artista Walter Firmo. Paula Porta, curadora da exposição assim a descreveu:

Esta exposição se apresenta como um reconhecimento. Faz uma dupla homenagem: ao povo negro do Brasil e a uma de suas figuras brilhantes, um dos maiores fotógrafos do país. A extensa obra de Walter Firmo – que começa no fotojornalismo e vai trilhando muitos caminhos, sempre de forma instigante – pode ser desfrutada sob diferentes aspectos. Mas o veio principal dessa preciosa mina de imagens é aquele dedicado à negritude. A arte, a elegância, a beleza, os saberes, a empatia, a atitude, a tradição do negro emocionam o fotógrafo, que fez de sua obra a contínua exaltação de um povo. A cor abusada, a luz intensa ou os olhos que brilham no escuro, as cenas espontâneas ou construídas e a beleza de suas imagens produzem em nós uma sensação de euforia. Captam muitos significados. Impossível ficar indiferente a uma fotografia de Walter Firmo. (CENTRO CULTURAL VALE MARANHÃO, 2018, p. 7)

A mediação cultural nesse aspecto estava sendo promovida para provocar e conectar os estudantes com obras que estivessem abordando a valorização da sua identidade para a composição histórica, artística e cultural brasileira, de forma a trazer para a realidade dos nossos estudantes negros esse sentimento de pertencimento. O intuito deste projeto era desenvolver ações e debates que visassem a combater práticas racistas e discriminatórias no ambiente escolar, valorizando as raízes negras de sua origem africana negada e destituída de valor afetivo e cultural. Além de promover o

contato com memórias afetivas, destacando, para os estudantes, a ressignificação do ser negro, elegendo o espaço escolar como local de reflexão e de debate acerca do racismo estrutural vigente em nossa sociedade.

No dia da aula de campo, os estudantes estavam eufóricos e ansiosos, mas, quando saímos da Ponta da Fruta, essa sensação se estremeceu, visto que o tempo estava chuvoso e que isso poderia atrapalhar a sessão de fotos que eles estavam organizando para realizarem no local. Todos queriam fazer suas *selfies* ou fotos em grupos para postagem em suas redes sociais — ponto que se conectava com a valorização da autoestima e das questões identitárias, que eram objetivos da visita. A maioria nunca havia ido ao Museu, apenas tinham visto em nossa escola os vídeos ou fotos sobre o local que eu apresentei para eles na sala de aula.

Para nossa surpresa, ao chegarmos ao local, o sol apareceu. Desembarcamos e fomos em direção à Maria-Fumaça, uma locomotiva original a vapor de 1945. A reação deles foi de muita surpresa, empolgação e alegria. Milhares de fotos depois, descemos e fomos recepcionados pelos mediadores da exposição, que nos encaminharam para o espaço expositivo. Durante o período de visita, as mediadoras interagiram com os alunos. Antes de adentrarmos no galpão com as obras, tivemos um momento de contextualização histórica sobre a temática da exposição, por isso o período de visita acabou passando muito rápido e, por vezes, percebi eles um pouco impacientes com a condução das mediadoras, direcionando-os para algumas obras. Percebo que o tempo de permanência em uma exposição cronometrado entre uma escola e outra também interfere no nosso momento de fruição artística. Tudo deve ser muito rápido para dar tempo de vivenciar todo percurso.

De fato, a exposição fotográfica do artista Walter Firmo possibilitou a eles um olhar de valor para sua identidade negra enquanto formadora do povo brasileiro. Após a visita, pudemos participar de uma oficina de fotografia promovida pelo Programa Educativo do Museu, na qual, os alunos experimentaram diferentes técnicas fotográficas. Como ressalta Iavelberg (2003, p. 77), “Cabe ao setor educativo dos museus construir propostas didáticas com abertura para a criação de práticas diferenciadas, as quais provenham das necessidades de distintos contextos culturais dos visitantes” e concebe-se, assim, que o trabalho desenvolvido pelo setor educativo dos museus é de extrema relevância e necessidade para as ações de mediação cultural. Assim, é válido ressaltar também que, mesmo existindo materiais educativos das exposições sendo disponibilizados para os professores utilizarem no ambiente escolar, percebo que as oficinas propostas pelos mediadores culturais *in loco* durante as visitas oportunizam para os educandos e para os professores vivências e experimentações estéticas diferenciadas e exclusivas, as quais, no ambiente escolar, não seriam possíveis devido à falta de recursos didáticos.

As propostas didáticas do educativo enlaçam, contextualizam e criam situações de vivências que são extremamente importantes dentro das ações de mediação cultural. Nessa visita, conseguimos o transporte fornecido gratuitamente pelo museu e participar da ação no educativo porque eu havia feito o *workshop* para professores, dessa forma saliento que nem sempre todos os professores de Arte conseguem efetivamente o transporte gratuito disponibilizado pelo museu, pois o mesmo atende apenas a um certo quantitativo de vagas não abrangendo a alta demanda de reservas .

Após toda experimentação realizada no educativo, fomos conhecer o entorno do Museu e registrar mais momentos por meio da

fotografia, além de confraternizar coletivamente fazendo um lanche. Nesse momento de trocas, partilhas e diálogos, percebi o quanto foi importante para eles vivenciarem essa experiência de apreciação estética e de mediação cultural. A seguir, apresento algumas das falas deles que destacam isso:

Na sala de aula, falando do local é uma coisa, mas quando nós alunos vamos ao local falado é outra totalmente diferente. É um tempo de demonstração cultural diferenciado e isso é positivo para nós. (G.F. 1ª M02)

É muito mais interessante você viver e aprender vendo as coisas do que só ler. Aprendemos diversas artes que talvez nunca iríamos aprender só no olhar. (A.L.B. 1ª M02)

Muitas vezes os alunos não ampliam seu olhar artístico por passarem a maior parte do ano letivo lidando com teorias em sala de aula. Mediação cultural é importante e fundamental para despertar o interesse e aprendizado do jovem. (L.N. 1ª M03)

A ampliação do olhar deles na construção de sentidos para própria aprendizagem artística é percebida em suas falas, deixando clara uma ressignificação de conhecimentos e da percepção de pertencimento. Dessa forma, nossa mediação se deu num processo individual e subjetivo, ou seja, cada estudante em seu encontro com as obras não apreendeu uma verdade única sobre ela, mas soube, através do seu sentir e de seu fruir, rever os próprios conceitos e explorar outros pontos de vista sobre a temática e sobre o que faz do Brasil o Brasil – remontando à proposta curatorial da exposição. Segundo Maria Regina Johann e Luciara Judite Bernardi Roratto (2010, p. 4), “O mediador cultural é aquele que recebe o público nas instituições de arte, a fim de tornar a visitação mais significativa possível, fazendo proposições que

contribuem para a interação do público com a obra”, durante toda visitação ele se torna um elo importante de todo processo de aprendizagem, permitindo a troca e o acréscimo de saberes. Então, é interessante ressaltar as falas das mediadoras do Museu Vale, trazendo para esse discurso as suas perspectivas a respeito das contribuições que a mediação cultural pode propiciar na formação do repertório artístico, cultural e estético do público escolar atendido durante a visitação de exposições e programas educativos:

Acredito na mediação como contribuição para a formação deste público partindo do princípio do diálogo, pois a mediação deve consistir numa abertura onde os alunos possam não só trabalhar o olhar, mas também a possibilidade de formular uma opinião que envolva a estética, a técnica, o material e a própria trajetória do artista. Desta maneira, o mesmo terá um enriquecimento do seu repertório com um todo. (J.F., mediadora cultural do Museu Vale)

Mediação cultural é baseada num diálogo que será conduzido pelo mediador até certo ponto, pois o mesmo será o ponto de partida tendo em vista que este público (como qualquer outro) já traz consigo experiências pessoais que serão fundamentais na condução deste diálogo. O mediador precisa deixar-se ser levado pelo olhar dos alunos e estar aberto ao conhecimento trazido por eles. O resultado obtido de um diálogo onde ambas as partes possam colocar seus olhares e experiência esse tornará propício a uma formação deste repertório artístico que deve ser contínuo. (C.S., mediadora cultural do Museu Vale)

É relevante a leitura que as mediadoras fizeram sobre sua própria ação, pois a prática do diálogo é ressaltada em ambos os comentários. O enriquecimento do repertório do educando, construindo novas compreensões sobre a arte e ampliando seu apreender também é evidenciado nessas falas e coaduna com a perspectiva de Maik Douglas Cabral Machado (2019, p. 35), quando ele afirma que:

Por sua vez, a função da mediação não é a de explicar a arte; inclusive, pode-se trabalhar de forma oposta a isso. A mediação é também um processo de descobertas e trocas do que se vê, se sente e/ou se toca. Dentro dessa perspectiva, ela pode definir-se também como um processo que nunca pode ser completado, as relações com a obra estão sempre se modificando, pois, o olhar nunca é o mesmo.

Nesse contexto, a mediação cultural é vista como um processo que não se encerra em si mesma, mas é capaz de impulsionar novas descobertas e reflexões acerca da arte a cada visita realizada. Dando continuidade à experiência sensível dos estudantes, foram desenvolvidas ações artísticas na escola, onde realizamos diferentes experimentações estéticas para o encerramento do nosso projeto, que ocorreu no final do mês de novembro de 2019. Sendo também estimulado o protagonismo escolar, nossos estudantes desenvolveram ações que buscavam a valorização das raízes negras presentes em nossa escola. A aluna K.O. (2ª M02), que já desenvolvia um trabalho fotográfico, organizou uma ação artística com registros fotográficos de seus colegas de turma no ambiente escolar. As fotos compuseram nossa exposição artística durante a realização da culminância do projeto, que também contou com a realização de um desfile valorizando a beleza negra, com apresentações musicais, declamação de poesias e a confecção de um livro cartaz com frases e ilustrações de combate ao racismo. As imagens, a seguir, fizeram parte da exposição fotográfica organizada pela estudante.



Imagens 12 e 13: Registros fotográficos da aluna K.O. Fonte: Acervo pessoal.

As aulas no entorno escolar são bem mais divertidas, a gente consegue aprender a matéria melhor e sempre tem comida no final.

L. 1º M02



Imagem 14: A igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

2.1.3. O entorno escolar e a igreja Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro Ponta da Fruta

A localização da EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho se destaca pelo fato peculiar de ter no seu entorno duas praias: a Praia da Baleia e a Praia Rasa. Compondo a vista, atrás da escola, em um morro alto, está a igreja *Nossa Senhora dos Navegantes*, com um mirante de onde podemos observar o bairro da Ponta da Fruta. Esse local é encantador pelo aspecto paisagístico de bairro costeiro, em frente à escola se avistam os barcos dos pescadores e o mar. Realizando caminhadas entre as duas praias do local, percebi que o lugar era privilegiado pela natureza e propício para a realização das aulas de arte. Segundo Iavelberg (2003, p. 22),

Estudar as particularidades de cada região e estabelecer relações com contextos comunitários próximos e distantes produz motivação para aprender, promove a educação ética, a cidadania, as práticas de inclusão social e amplia a visão crítica sobre questões do cotidiano no tempo e no espaço. A arte tem papel fundamental na recuperação da cultura dos alunos, favorecendo sua identificação com os conteúdos da aprendizagem.

Tendo em vista essa necessidade de compreensão de referências culturais, comecei a analisar o contexto comunitário do entorno pensando em uma possível intervenção escolar. Meu propósito era, como Iavelberg colocou, estudar as particularidades dessa região, além de incentivar a relação da escola com seu entorno comunitário. Nesse caso, pretendia sensibilizar nossos discentes para os problemas existentes no bairro, como a poluição das praias e a degradação ambiental existentes nessa comunidade pesqueira. Assim, estabelecendo um diálogo com a equipe

pedagógica, docentes e discentes, organizamos um projeto interdisciplinar escolar com o tema *Educação ambiental*, a fim de colaborar para a formação de valores e de atitudes que visassem à sustentabilidade, à valorização cultural e à preservação ambiental do bairro.

Desta forma, elaboramos uma ação conjunta entre todas áreas do saber, envolvendo todas as disciplinas. Estruturamos ações focando na necessidade de preservação das restingas, já que as construções de moradias provocaram a redução da largura da faixa de areia da Praia Rasa e, conseqüente, um aumento na frequência de inundações decorrentes das ressacas marinhas. Aos alunos foram apresentadas as obras de Frans Krajcberg, para que associassem a arte e a defesa do meio ambiente defendidas pelo autor ao nosso contexto histórico e refletindo sobre as possíveis ações que poderiam ser desenvolvidas no entorno escolar. Também foi estabelecido um diálogo sobre a história do bairro, suas características e manifestações culturais. Incluímos, ainda, uma pesquisa sobre a fundação da escola, debates e palestras sobre as transformações paisagísticas que ocorreram no bairro ao longo dos anos.

Conforme cita o documento do Currículo Básico Escola Estadual (2009, p. 83), é necessário “Incentivar a pesquisa e a investigação possibilitando a identificação e o estabelecimento de relações entre a Arte e as manifestações artísticas e culturais nos âmbitos regionais, nacionais e internacionais em diferentes tempos históricos”. Sendo assim, nesse trabalho, buscamos integrar os bens culturais com a comunidade a qual ele pertence para formação estética dos educandos. Pensando na escola como impulsionadora de encontros com as manifestações artísticas regionais, realizamos uma ação de mediação cultural, explorando a paisagem do entorno escolar, com a visita à Igreja *Nossa Senhora dos*

Navegantes.

Após as aulas expositivas sobre a história da fotografia e do estudo sobre o processo de produção da imagem fotográfica, os estudantes foram estimulados a explorar essa linguagem artística no entorno escolar. Nossas saídas pedagógicas tinham o tempo previsto de uma aula de Arte, então o processo para nos organizarmos para sair da escola tinha que ser rápido e, para não atrapalhar o funcionamento do horário escolar, retornávamos sempre 5 minutos antes do início da próxima aula. Geralmente, caminhávamos pela Praia Rasa, finalizando o percurso no mirante da Igreja *Nossa Senhora dos Navegantes* e, durante o caminho, parávamos para realizar os registros fotográficos, analisando os bens naturais e a vegetação quanto aos aspectos de degradação e conservação. Assim, estimulando um olhar mais sensível para os problemas de poluição do bairro, nossos alunos realizaram registros fotográficos com um olhar crítico e sensível, analisando em cada trecho do nosso percurso os impactos ambientais gerados pela ocupação humana na região.

Individualmente ou em grupos, eles deveriam realizar dois registros fotográficos: um sobre as belezas do bairro e outro sobre as ações de degradação ambiental e poluição costeiras. Devido ao fato de alguns alunos não disporem de recursos tecnológicos necessários, precisei disponibilizar meu aparelho celular para a realização da nossa produção artística. Observei o envolvimento e engajamento dos alunos conforme explorávamos nosso entorno, fosse caminhando na areia da praia, ou subindo o morro da igreja, tínhamos uma vista privilegiada. Houve uma participação ativa de todos os alunos na aula, exercitando através da fruição artística um olhar mais crítico sobre os processos de degradação ambiental e a necessidade de preservação do patrimônio cultural do bairro, a Igreja *Nossa Senhora dos Navegantes*.



Imagens 15, 16 e 17: Aula de campo no entorno escolar.
Fonte: Acervo pessoal.

Utilizando a arte como formação e ponto de partida para os trabalhos escolares, em parceria com a disciplina de Português, os registros fotográficos realizados foram utilizados nas aulas para a produção de poesias. Por fim, todos os trabalhos foram expostos na mostra artística cultural interdisciplinar realizada no mês de julho de 2019. Sobre essa vivência destaco as seguintes falas dos estudantes:

Aula no ambiente externo é diferente, é um meio de inspiração também para o aprendizado. (S.S. 3ªM01)

Quando saímos da sala percebo mais envolvimento dos alunos nas atividades aprendendo de uma maneira mais leve. Também temos contato com a nossa cultura diretamente. (C.V. 1ªM01)

Aprendemos mais sobre a nossa cultura e espaços em que vivemos, passados históricos, que com aulas práticas na rua aprendemos mais. (E.E. 1ªM01)

Diante do retorno dos estudantes, considera-se que a escola precisa ser um local que propõe mudanças, que amplia o seu olhar de que a sala de aula não é o único espaço de aprendizagem, potencializando ações que permitam que a educação aconteça sem estar limitada entre os muros e portões da escola. Nessa aula de campo, a mediação cultural nos proporcionou uma ampliação no olhar estético dos educandos, estimulou a criticidade e um maior envolvimento na aula, além de estabelecer uma conexão entre os conteúdos estudados interdisciplinarmente na escola com a comunidade, onde se estabelecem vínculos de convivência. Sendo assim:

Mediar, portanto, envolve olhar o entorno e ver as possibilidades de ampliar os espaços da sala de aula para outros espaços, para as esculturas que se encontram nas fachas de prédios, em praças, mas também em museus e galerias de arte. É aproximar o ouro da arte, levá-lo à leitura, provocar seus sentidos pela obra, aguçar sua curiosidade, provocá-lo. Mediar envolve oferecer espaço para o sujeito agir, observar, refletir, comparar, interpretar e aprender juntos. (SOARES; NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 60)

O esforço em organizar essa saída para irmos além dos portões da escola, proporcionou a mim e aos meus alunos uma experiência estética que envolvia um diálogo com nossas percepções, promovendo nossa estesia. Como essa ação pedagógica considerava o olhar sensível do aluno para a composição de seus trabalhos artísticos, a mediação cultural

estimulou a formação estésica dos estudantes, reverberando nos exercícios fotográficos realizados como conclusão da proposição. O protagonismo dos estudantes também foi um aspecto importante da saída, destaque nessa experiência o fato dos estudantes terem me orientado durante nosso percurso de caminhadas pelo bairro, tendo em vista que eles conheciam as trilhas, pois percorrem diariamente variados caminhos como vias de acesso à região.

A prática dialógica e partilhada em substituição ao ensino unidirecional e conteudista é uma possibilidade de relação deste aspecto latente da arte para dentro dos processos de ensino da arte. A participação dos estudantes como integrantes do processo, é primordial dentro de propostas que se constituam mais próximas da contemporaneidade, pensando em uma relação horizontal entre todos os sujeitos envolvidos no processo. Dentro desta perspectiva, professor e conteúdo perdem o protagonismo para se construir um exercício partilhado entre todos, efetivando a participação que também se identifica no trabalho dos artistas. (ROCHA, 2018, p. 2219)

Portanto, para além da ação provocada para que os estudantes ressignifiquem sua relação com o bairro onde vivem, práticas como essas são formadoras para mim, enquanto professora. Pensar o ensino da arte como estar entre meus pares estabelecendo trocas culturais locais contribui para a minha formação enquanto professora. Minha prática de ensino envolve estabelecer uma interação com meus alunos, por meio da qual me percebo sendo formada por eles enquanto exerço minha docência.

Entendo, dessa forma, que as vivências provocadas pela mediação cultural permitem um exercício partilhado entre todos, assim, as experiências envolvendo a percepção e a sensibilidade, que são únicas, estavam atreladas a uma investigação que tinha como objeto de estudo o próprio bairro, aproximando o estudante das suas práticas regionais e provocando-o

a pensar sobre o contexto onde vive. A aulas de campo ou as saídas pedagógicas promovem encontros, quando agregamos o conceito de cultura à mediação, como afirma Martins (2012, p. 47), “[...] não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um ‘estar entre muitos’, de modo ativo, flexível, propositor, atento ao outro”, dessa forma, conforme Martins (2012) e Rocha (2018), o professor e o aluno devem estar atentos às falas, que estabelecem diálogos e partilhas de conhecimentos, promovendo descobertas que além de ampliarem a participação dos estudantes nas aulas, transformam-nos em protagonistas de sua aprendizagem.

3



Imagem 18: De volta para a escola. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

O tempo é o tecido da vida. Frequentemente me indago: o que guardaria no tempo se fosse possível? A memória. Sim, o maior tesouro que podemos guardar é a memória. Hoje sei bem que o que nos move é o desejo de um dia lembrar tudo aquilo que passou, e desejar inúmeras vezes que a lembrança volte. Mesmo tendo a total certeza que nada será como antes. O que cabe a nós mediadores para acalentar sensíveis lembranças destes encontros com a arte?

Maria Filippa da Costa Jorge

3. Potencialidades da mediação cultural para a aprendizagem artística

Encerrada a terceira aula, professores e alunos descem juntos as escadas, prontos para a indispensável pausa matutina.

Percebo que a fila da merenda já está enorme, atravessando todo o corredor escolar. Passo por ela e sigo em direção à sala dos professores. Em meio às conversas paralelas, enquanto caminhava, escuto um aluno me chamando:

- É né professora, você levou a turma do 2º ano para ter aula na praia! Vai levar a gente hoje também?

Rindo eu respondo:

- Era a aula prática deles, a de vocês será na próxima semana.
- Se você não descer com a gente eu não te ajudo mais a levar seu material!
- Pode deixar, se você não faltar à aula, na próxima semana estaremos juntos!

Era muito frequente meus alunos se ausentarem das aulas por motivos diversos, mas, quando havia alguma aula prática ou com visitas mediadas, dificilmente isso ocorria. Entrando na sala dos professores, vejo que todos já estavam lanchando e, assim, procuro um pequeno espaço para deixar meu material sobre a mesa. Pensando nas próximas aulas planejadas, lembro-me que tenho que preparar os bilhetes de autorização para uma aula de campo que já estava programada.

Pego meu café e, durante esse pequeno momento de descontração, menciono animada que havia conseguido um ônibus

gratuito ao agendar uma visita mediada para uma galeria de arte em Vitória. Em seguida, um colega de outra área, comenta rispidamente:

- Eu não saio da escola com aluno, é muita responsabilidade!

Surpresa com sua colocação respondo que sim, mas afirmo que, entre tantos aspectos desafiadores, o retorno que tenho para a aprendizagem artística deles é um fator que me incentiva a perseverar nessa prática. O colega continuou reafirmando sua opinião e, em meio a um gole de café e outro, debatemos sobre o assunto. O sinal tocou e nossos argumentos foram vencidos pelo término do recreio, mas, nesse diálogo, fica evidente que temos posicionamentos diferentes a respeito da saída dos alunos do ambiente escolar.

Dentro da escola, entre as paredes verdes da sala de aula, é notória a sensação de segurança desse professor. Então, não seria o medo de perder essa sensação de controle a justificativa para não realizar as saídas pedagógicas? Continuei refletindo a respeito dos argumentos do meu colega quando a coordenadora surgiu na porta falando:

- Pessoal, vamos subir? Preciso da colaboração de vocês lá em cima.

Após o recreio, as turmas geralmente estão mais dispersas e agitadas. Subo e fico na porta aguardando os alunos entrarem e se sentarem para iniciarmos nossa aula. Diante do ocorrido, inicio dialogando com meus alunos sobre as visitas mediadas realizadas, refletindo sobre as relações que estabelecemos com a arte a partir da mediação cultural:

- Então, turma, quem gostaria de comentar um pouco sobre as visitas mediadas que realizamos? Gostaria que falassem um pouco sobre os encontros artísticos que tivemos. Vocês acreditam que essa prática de ensino colaborou de alguma

forma para a aprendizagem artística de vocês?

Destaco algumas das respostas que obtive:

- Sim, professora. Isso desenvolve o interesse no estudo, cria novos momentos, novas experiências e abre a nossa mente para a cultura do nosso povo.
- Além de dar mais dinâmica nas aulas, as mediações culturais ajudam a compreender mais coisas sobre a arte.
- Quando nós visitamos as exposições, descobrindo o significado das obras, entendemos melhor o que é arte.
- Eu aprendo mais, pois na escola, não tem essa liberdade de ver tudo o que vemos quando vamos para esses espaços.

Lá temos liberdade de ver coisas que na escola não tem⁶.

Nesse diálogo com eles, percebem-se os verbos compreender, ver, entender, aprender e desenvolver, que estão relacionados às competências e habilidades que nós professores devemos estruturar em nossos planos de ensino trimestrais. Em suas falas, nota-se a clareza e a percepção que eles têm a respeito das possibilidades colaborativas da mediação cultural para a própria aprendizagem. A partir dos relatos colhidos nos questionários investigativos desta pesquisa, elaborei uma nuvem de palavras, mostrando visualmente a ordem em que elas foram citadas.

⁶ O diálogo narrado foi elaborado a partir dos questionários documentados durante o desenvolvimento desta pesquisa.

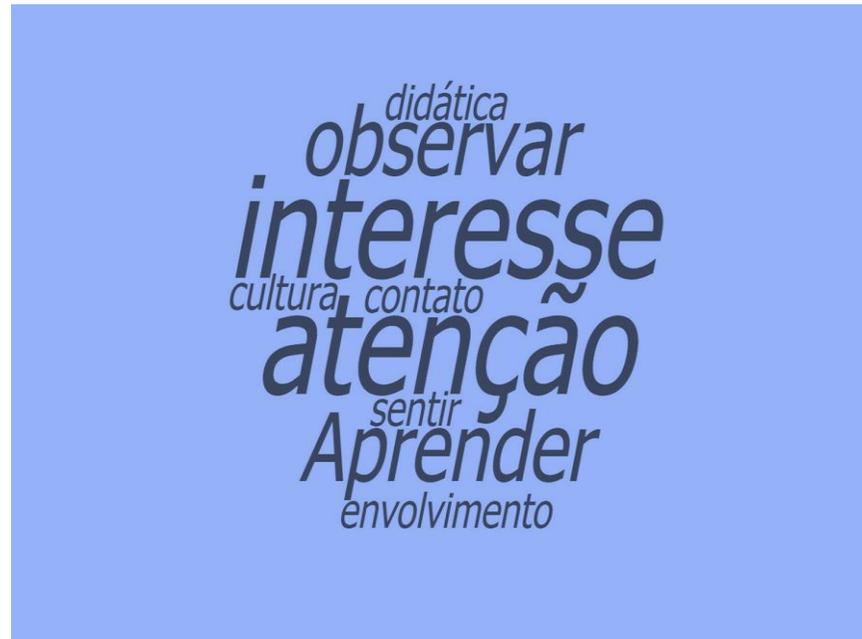


Imagem 19: Nuvem de palavras. Fonte: Acervo pessoal.

As palavras interesse e atenção ganharam destaque na nuvem por aparecerem frequentemente em suas respostas. Destaquei duas delas, didática e aprender, pois elas ressaltavam que a prática da mediação cultural potencializava um maior envolvimento nas aulas e um maior entendimento dos conteúdos, além de facilitar o entendimento acerca da arte. Os estudantes consideraram a mediação cultural como uma prática importante para a aprendizagem artística deles, pois propiciava aulas mais dinâmicas e o contato com a arte.

As possibilidades de “criar novos momentos” e de dar “mais dinâmica nas aulas”, pontuadas por um dos educandos,

contrapõem-se a algumas práticas que podem contribuir para tornar a aula desinteressante, principalmente quando o aluno não é estimulado a refletir e a participar ativamente das aulas, concluindo que o conteúdo/exercício foi trabalhado apenas para mantê-lo ocupado e quieto em sala de aula, para além disso, acredito que através do ensino da arte podemos despertar nos educandos o desejo de se apropriar e usufruir do conhecimento artístico e cultural.

3.1 A ampliação do nosso repertório cultural e artístico

Sobre a ampliação e formação do nosso repertório cultural e artístico, percebo-a como um fator processual e contínuo, seja para o docente ou para o discente. Pensando na mediação cultural como formadora da minha prática docente, uma mudança significativa ocorreu na minha rotina de vida pessoal, que foi a busca constante por me manter informada a respeito das exposições que estão acontecendo nos espaços expositivos. Dessa forma, criei o hábito de visitar com frequência esses locais presencialmente ou virtualmente, o que conseqüentemente me facilitou estabelecer um diálogo com as instituições e efetivar o agendamento das saídas com as minhas turmas. Assim, o processo de visitação escolar se inicia a partir da minha própria constituição como professora e público, para, posteriormente, articular esse exercício como momento educativo para os estudantes com os quais trabalho.

Assim, é preciso também valorizar e compreender a educação não formal e suas características. Ela “é um acontecimento que tem origem em diferentes preocupações e busca considerar contribuições vindas de experiências que não são priorizadas na educação formal” (GARCIA, 2005, p. 27). Por exemplo, numa

visita educativa a uma exposição de um determinado artista, pode-se acessar diferentes conhecimentos como o conteúdo das obras de arte, a biografia do artista, o contexto em que ele viveu, sua produção artística, as técnicas utilizadas etc, trabalhando interdisciplinarmente e convocando a sensorialidade, as diferentes percepções e indagações dos sujeitos, dimensões nem sempre solicitadas na sala de-aula do ensino formal. (ALENCAR, 2008, p. 30)

Refletindo acerca dessa experiência de conectar os espaços formais e não formais de ensino, destaco a importância das visitas exploratórias como formadoras da minha prática enquanto professora, a partir deste fragmento da pesquisa de mestrado de Alencar, que, ao apresentar a frase “acessar diferentes conhecimentos”, despertou meu interesse. Em seguida, a autora especifica quais conhecimentos acerca das obras de arte são potencializados na visita escolar de uma exposição artística. Além de possibilitar a ampliação do nosso repertório artístico e visual, o entrecruzamento entre os espaços não formais de ensino e o espaço formal trouxe para nós indagações acerca das exposições visitadas, impossíveis de ser experienciadas na sala de aula, que colaboraram para a organização de projetos escolares na escola. A partir das visitas mediadas desenvolvidas, eventos escolares eram organizados, tais como as mostras artísticas interdisciplinares, aqui já apresentadas, que provocaram uma nova interpretação e leitura do espaço escolar. Assim, a escola passa a ser o ponto de partida e chegada de transformações, trocas e experiências culturais que antes estavam estagnadas ou eram inexistentes.

Mais uma vez, o toque do sinal sonoro demarca nosso movimento ensaiado de troca de salas entre professores, o que porventura me recorda os trabalhadores que durante as produções em série das fábricas executam mecanicamente

suas tarefas. Apressadamente, faço as solicitações de materiais para a próxima aula, os alunos se levantam e peço para aguardarem o próximo professor chegar. Enquanto recolho meu material, alguns alunos me pedem para ajudar a levar minhas caixas contendo os materiais artísticos que utilizamos na aula.

Com a troca de sala e de turma atendida, o conteúdo a ser lecionado será outro e para a última aula do dia agendei a sala de vídeo por não termos equipamentos instalados em sala de aula. Nas aulas realizadas dentro do espaço escolar, o local que mais explorei para as aulas teóricas foi esta sala e para as aulas práticas, o refeitório ou o chão da quadra. Para os alunos, como supramencionado, a troca de ambiente é até um fator motivador para a aprendizagem, porém a movimentação que faço pelo estreito corredor, somada ao barulho das conversas interfere na dinâmica e na organização da escola, podendo incomodar a equipe pedagógica e os meus colegas professores. A falta de recursos tecnológicos é outro fator que emperra a qualidade de ensino nas redes públicas, principalmente para trabalharmos a visualidade nas aulas de Arte.

3.2 Encontros com a arte: reflexos dos momentos da visita que reverberam na escola

No meu ato docente inquieto, em que busquei realizar experimentações diversas para as aulas de Arte, apesar dos pequenos atritos, consegui estabelecer parcerias com meus colegas de trabalho e, mesmo considerando alguns pontos divergentes, nossa equipe era unida e conseguíamos articular as ações conjuntas aqui já colocadas. Pensando nos

ganhos que a mediação cultural proporcionou para a aprendizagem artística dos meus alunos, uma iniciativa interdisciplinar interessante que ocorreu foi a criação do evento que chamamos de *Sextão Cultural*.

Essa proposta de intervenção inicialmente foi sugerida pelo professor de português para a equipe de códigos e linguagens. Nos reunimos e dialogando sobre as possibilidades e potencialidades a serem desenvolvidas, estruturamos nosso projeto e em seguida o apresentamos para a equipe de gestão escolar. A pedagoga, após análise e elaboração com os demais professores, ajudou-nos a estruturar as oficinas temáticas do evento, que aconteceria após o recreio nas últimas sextas-feiras do mês.

O intuito era que alunos e professores juntos desenvolvessem e fomentassem ações culturais escolares através da realização de oficinas temáticas como a dança, o jogo do xadrez, a moda, a música e o Slam, entre outras ações, promovidas pelos estudantes e/ou professores. Os alunos estiveram envolvidos na organização das salas temáticas para as oficinas, na realização da inscrição e, por vezes, no desenvolvimento delas. Assim, percebi que o evento estruturado enriquecia o repertório cultural tanto dos professores quanto dos alunos, pois a escola se transformava em um ambiente onde as práticas diversas culturais se faziam presentes, permitindo assim uma mudança na rotina escolar e potencializando vivências e trocas significativas de aprendizado.

A socialização e a convivência no cotidiano escolar, que antes não eram exploradas devido ao engessamento curricular demarcado por ações pedagógicas docentes estruturadas apenas nos registros nos cadernos dos conteúdos das disciplinas, começaram a ser estruturados de forma mais dinâmica e atrativa. Outro impacto positivo dessas ações de

mediação cultural foi a mudança do formato e registro das avaliações escritas. Esse fato, em particular, estimulou o envolvimento dos alunos que passaram a ser avaliados pelo seu desempenho na organização e desenvolvimento das oficinas. As avaliações escolares para o registro das notas trimestrais passaram a incluir o tópico “projetos escolares”, assim, os movimentos expressivos artísticos de cada estudante passaram a ser pontuados em todas as disciplinas.

Inicialmente, o grupo docente da área de códigos e linguagens avaliava a participação e envolvimento dos alunos e repassava a listagem com o nome dos alunos envolvidos para os demais professores e equipe pedagógica. Com uma melhor estruturação, as outras áreas de conhecimento também começaram a elaborar suas próprias avaliações, registrando, por meio da observação, o desempenho dos estudantes nessas ações culturais. Percebeu-se então uma mudança nas práticas pedagógicas escolares, que passaram a ser estruturadas no espaço escolar, provocando uma nova leitura sobre ele. As salas de aula, o pátio, a quadra e o refeitório foram reconfigurados e organizados de forma a receber as oficinas. Toda a escola foi envolvida, e a comunidade escolar também era convidada a apreciar as apresentações, que promoviam a produção estética alimentada pelo protagonismo dos estudantes em conjunto com o corpo docente escolar.

Penso nessa experiência como reflexo e desdobramento da mediação cultural como ação formadora do meu ofício de professora, pois me possibilitou explorar e desenvolver iniciativas que transformavam o ambiente escolar em um espaço para uma maior expressão cultural dos estudantes. Como bem conextualiza Dayrell (2007, p. 1106)

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe.

O cotidiano enfadonho que torna a frequência escolar apenas uma obrigação desmotivadora pode ser uma das causas dos altos índices de repetência e abandono escolar, pois, muitas vezes, os estudantes são colocados numa posição passiva e não ativa diante da aprendizagem. A crise educacional brasileira tão relatada no que tange ao baixo número de formandos no ensino médio ainda carece de reflexões que deveriam partir de uma análise específica da relação entre a arte e a cultura no espaço formal de aprendizado. Assim, Viviane Mosé (2013, p. 47) questiona, “Porque a escola não é um espaço democrático, de produção de conhecimentos, de debates, de criação? Em vez disso, tem sido um presídio de alunos, um depósito de conteúdos impostos sem muito sentido, um desrespeito aos saberes que os alunos já trazem, um lugar onde as crianças não têm direito a voz”. Para “abrir a mente” do meu aluno e levá-lo a “compreender mais coisas sobre a arte” reflito sobre os empecilhos que constantemente precisei enfrentar ao longo dos anos lecionando, nos quais vivenciei diversas vezes um espaço não democrático e de depósito de conteúdos.

Nesse processo busquei e, continuamente, busco priorizar a cultura no currículo escolar e foi por meio dessa busca que ocorreram mudanças em minha prática pedagógica. A cada visita mediada realizada, trazíamos para a sala de aula ações que reverberavam dentro do espaço escolar aspectos vivenciados nos espaços externos, envolvendo não somente

as turmas que faziam as visitas, mas toda a comunidade escolar. Em meio às ações desenvolvidas, muitas vezes, fui criticada e ouvia os comentários negativos daqueles que não aprovavam o uso da mediação cultural como prática de ensino. Comentários como:

- Essa professora de Arte não para quieta dentro da sala de aula!

Para esses colegas, a mediação cultural era vista como mero entretenimento e não como uma proposta elaborada para atender os meus alunos com o intuito de valorizar a produção cultural do seu bairro. Através das ações de mediação cultural observei que, além dos meus alunos apresentarem um maior envolvimento e participação nas aulas, o repertório cultural deles também estava sendo ampliado. Portanto, vejo como necessário “[...] discutir a escola como um espaço que tem olhos para as artes, que prioriza a cultura, e se dedica ao processo de culturalização” (SOARES; NEITZEL; CARVALHO, 2016, p. 55).

Para atrair o jovem para a escola e desenvolver o seu interesse pela aprendizagem é necessário inseri-lo em um espaço que humanize mais as relações entre docente e discente, por meio do acolhimento e do estímulo dos seus potenciais expressivos culturais e assim, paralelamente, construir um novo olhar para a escola, que se reconfigura como um espaço de socialização e partilha de experiências que fortalecem o vínculo entre professores e alunos e entre os alunos e a escola. Afinal, ao que de fato a escola se propõe passa a ter sentido quando a arte e a cultura do seu entorno se comunicam e, nesse diálogo estabelecido com a educação não formal, o ensino formal escolar é transformado.

3.3 Sobre as vivências artísticas na escola e para além dela

A partir das minhas memórias sobre as experiências vividas na escola, ainda hoje, olhar para um lápis, uma borracha e um papel sobre a mesa me recorda que estes eram meus materiais de desenho e não apenas instrumentos para cópias de texto e resoluções de exercícios no caderno. Lembrar desses materiais tão significativos no dia a dia escolar me traz boas lembranças dos sentimentos e afetos vivenciados nesse cotidiano. Somos todos constituídos de memórias e nelas estão as vivências entre um encontro e outro, entre a arte e a escola. Quando o educador se coloca disponível criativamente, novas histórias vão sendo construídas no espaço escolar e assim seus efeitos multiplicadores reverberam tanto no(a) professor(a) quanto nos alunos.

A comunicação entre a vida em sociedade, a arte nela produzida e o conteúdo escolar, hoje é assente desde o ingresso do aluno na escola. Isso é um dos princípios da didática contemporânea, na qual o aluno se observa como alguém que pode fazer e conhecer arte, sabendo que aquilo que aprende está relacionado com a vida em sociedade e com a sua própria existência, e envolve a história das faturas artísticas e o conhecimento sistematizado sobre as obras, seus criadores e o sistema da arte da época. (IAVELBERG, 2017, p. 22)

Olhar para os objetos existentes na sala de aula que compõem meus materiais de trabalho carregados de histórias e simbologias tem sido disparador de reflexões a respeito do ensino da Arte nas escolas. Novamente, o artista e professor Bruno Novaes me leva a analisar e a repensar sobre o papel da escola enquanto promotora do acesso aos bens culturais,

trazendo ganhos para o ensino da Arte quando o professor leva a escola a reconhecer a existência dos museus, instituições culturais, dos parques, das galerias de arte, patrimônios históricos. Sua instalação intitulada *Desenho livre* (2020), realizada com materiais como a lousa, o giz e brinquedos educativos, localizada na praça Adolpho Bloch em São Paulo, permite uma vivência artística mais democrática para uma maior diversidade de público. Tendo em vista que o acesso à arte em espaços expositivos ainda segrega e provoca distâncias entre as obras de arte e o público espectador, percebe-se, por meio desta obra, o estímulo ao diálogo entre o público e a arte através dessa intervenção artística em um espaço público. Novamente a memória do período escolar retorna e o uso do giz como material nos remete ao período da infância, na qual o faz de conta e o desenho eram parte do nosso cotidiano expressivo.

Desenho Livre é uma instalação composta por lousas, giz e brinquedos educativos. O trabalho se expande num desdobrar de módulos interativos que trazem as características cruas de seus materiais e sinais do processo de sua fabricação. Pensando o jogo, o desenho e a escrita como manifestações inerentes à nossa essência e em diálogo com a natureza. As interferências feitas pelos participantes, à medida em que se passam os dias, revelam sobreposições e camadas. São acúmulos e resquícios de gestos, palavras, desenhos e histórias que acabam por criar conversas imprevistas e informais. As marcas deixadas e apagadas sugerem um senso de comunidade e compartilhamento. Desenho, lousa e jogo, do lado de fora da escola, experimentam ser livres. (NOVAES, 2020, s/p)

A existência da obra está vinculada a ação interativa do espectador, que, através da prática do desenho, expressa seus sentimentos, suas ideias, seus desejos ou, simplesmente, experimenta a ação gestual das linhas sobre a lousa. Assim, tanto as escolhas dos sujeitos sobre o que irão retratar, como o espaço onde a instalação se encontra, evocam a

sensação de liberdade, então, percebemos que adultos e crianças através da lousa e do giz se conectam expressivamente. São diversas as possibilidades que podem ser exploradas na ação do desenho livre. Dessa forma, destaco também que o processo de desenhar, de aprender e de experimentar, aqui retratados, questionam a resistência que muitos adultos têm a respeito das vivências artísticas. Neste espaço público, a aproximação da obra de arte e do espectador é estabelecida, sua instalação propicia uma interação do público de forma que todos que a estão frequentando podem interagir e ter um momento de prazer, inclusive os adultos, desenhando livremente na lousa.



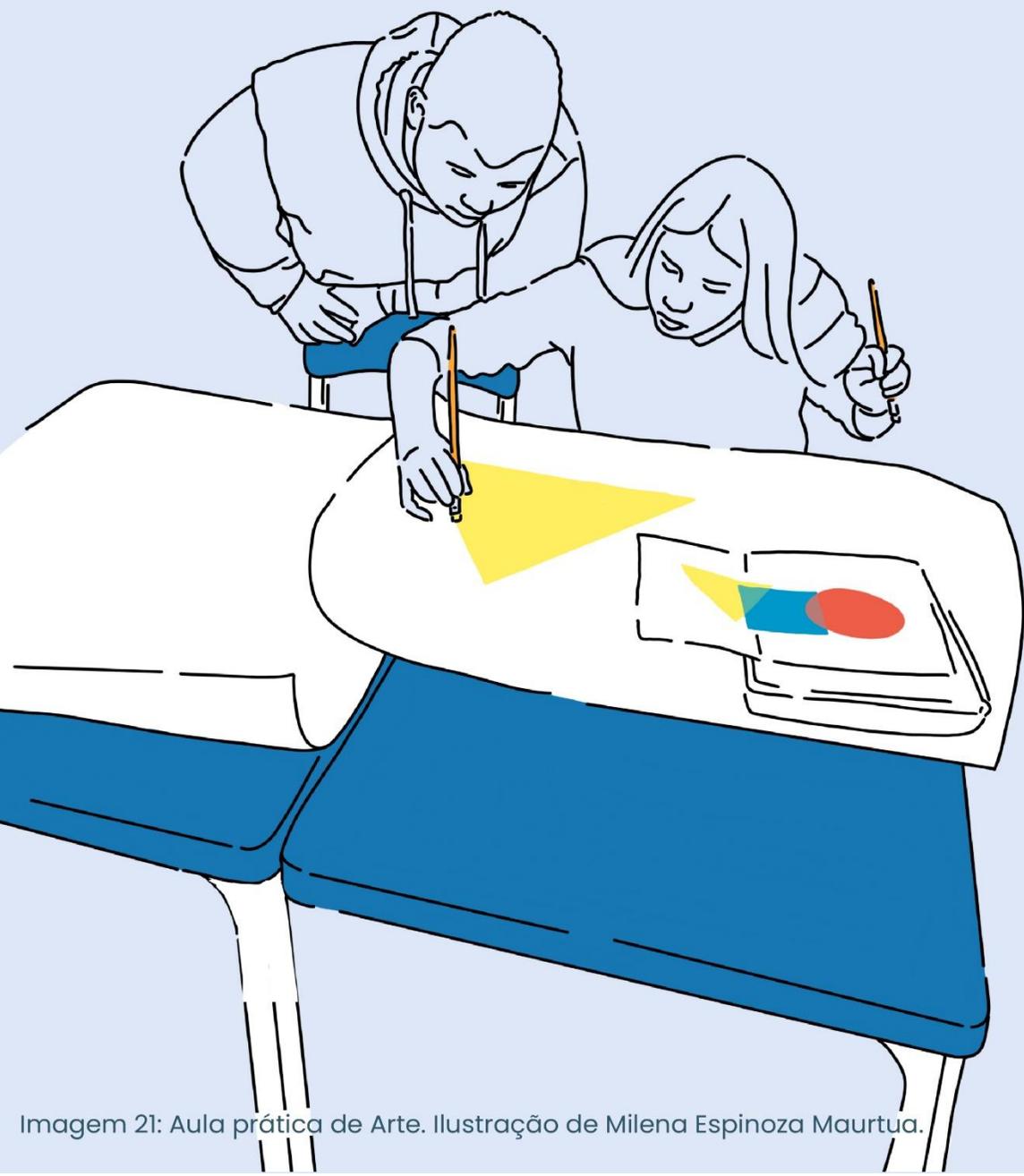
Imagem 20: Desenho livre
Fonte: Bruno Novaes (2020)

No bairro Ponta da Fruta também existe uma pequena pracinha, nela encontramos um pequeno comércio, algumas árvores e banquinhos coloridos. Este local fica de frente para o mar e também é utilizado pelos pescadores para deixarem seus barcos de pesca. Constantemente levava meus alunos a este local para desenharmos e coletarmos materiais para realizarmos diferentes colagens. Experimentei que, através da prática da mediação cultural, o professor de Arte poderá explorar outros locais para a fruição e ampliação estética, explorando a aprendizagem através dessas vivências.

As aulas de campo realizadas pelo entorno escolar possibilitaram que na comunidade local fosse despertado um novo olhar para as praias e a necessidade de preservação da antiga Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Conhecer a história do seu bairro e valorizar a sua identidade tornaram os moradores mais ativos, inclusive, no movimento comunitário, reivindicando inclusive melhorias para o bairro e para a própria escola. “Por isso, a mediação cultural efetuada pelo professor compreendida como resultante do entrecruzamento de conhecimentos artísticos, estéticos e políticos, pode potencializar a cultura como fator de desenvolvimento humano.” (KUPIEC; NEITZEL; CARVALHO, 2014, p. 165)

Através das ações de mediação cultural desenvolvidas na escola, familiares e amigos dos alunos foram sensibilizados e passaram a desenvolver diversas oficinas que fizeram parte dos nossos projetos escolares, tais como: mutirão de limpeza das praias, palestras sobre preservação ambiental, oficinas de culinária, oficina de tranças Nagô, oficinas artísticas e apresentações musicais. Todo o processo vivenciado na escola pode se refletir para além dela através da abertura do seu portão, permitindo que as experiências vivenciadas pelos alunos se refletissem também em sua casa, reportando

inclusive o desejo de continuidade delas com o retorno aos museus, galerias e patrimônios históricos visitados, dessa forma, apropriando-se e usufruindo do seu conhecimento artístico e cultural.



Manipular tintas e formas, linhas no plano e no espaço, viver experiências novas instigantes são por si só mediadores significativos. Mas, independente das possibilidades físicas e materiais, sempre haverá a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações onde o encontro com a arte possa gerar uma sociedade mais humana.

Mirian Celeste Martins

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que o estudo sobre a mediação cultural enquanto prática no ensino da arte ainda é um campo de pesquisa que precisa ser expandido. Sob a minha ótica enquanto professora de arte, trouxe reflexões acerca das minhas vivências pedagógicas em sala de aula, pensando a mediação cultural como encontros com a arte e trazendo contribuições dos interlocutores com quem dialoguei nesse processo, meus alunos. Esta pesquisa contribuiu para minha ação docente, pois permitiu escutar e dar voz aos meus pares, colocando-os como sujeitos ativos durante todo processo de pesquisa vivenciado.

Os estudantes consideraram a mediação cultural como uma prática importante para a aprendizagem artística deles, destacando que as aulas eram mais dinâmicas e promoviam o contato/encontros com a arte. Como resultado, incluímos a expansão criativa dos alunos juntamente com a ampliação do seu repertório artístico. Esse fato pôde ser percebido nas representações de seus trabalhos artísticos, que começaram a apresentar mudanças temáticas. Seus trabalhos não eram mais apenas a representação de casas com montanhas, passaram para uma elaboração artística mais expressiva e criativa, com uma pluralidade de temáticas. Alunos que diziam não saber desenhar ou que não gostavam de arte passaram a participar das aulas, inclusive, desenvolvendo ações culturais na escola.

Percebe-se, nesta pesquisa, que as visitas mediadas podem promover ações interdisciplinares através do

desenvolvimento de projetos escolares, que provocaram uma nova interpretação e leitura do espaço escolar. Todo o processo vivenciado na escola pode se refletir para além dela, permitindo que as experiências vivenciadas pelos alunos se refletissem também em sua casa, reportando inclusive o desejo de continuidade delas com o retorno aos museus, galerias e patrimônios históricos visitados, dessa forma, apropriando-se e usufruindo do seu conhecimento artístico e cultural.

Ao avaliar a minha prática docente e as suas relações no sistema escolar, percebo que conseguimos quebrar uma rotina, muitas vezes, monótona de ensino, que vicia os sujeitos implicados no ato educativo em uma negação da construção da sua autonomia no aprender, tornando-os agentes passivos, pouco ou nada ativos na construção da sua aprendizagem. Dessa forma, é importante aqui ressaltar o papel desempenhado pelo diretor e a pedagoga escolar, que compreendendo a necessidade de abriremos os portões da escola, favoreceram e possibilitaram a prática pedagógica da mediação cultural.

Pensando na escola como impulsionadora de encontros com a arte e as manifestações artísticas regionais, exploramos a paisagem do entorno escolar, com a visitação à Igreja *Nossa Senhora dos Navegantes*, estabelecendo uma conexão com o patrimônio histórico local, onde, através da fruição artística, foram provocados para um olhar mais sensível e crítico sobre a necessidade de preservação do patrimônio cultural do seu bairro. Através da visitas ao *Palácio Anchieta* e ao *Museu Vale*, as trocas dialógicas proporcionadas pelos mediadores possibilitaram aos alunos uma leitura das obras expostas de forma compartilhada e reflexiva, que colaboraram para o seu enriquecimento e formação do repertório

cultural e artístico. Sendo assim, foi possível me certificar de que a mediação cultural é um dos fatores determinantes para a ampliação da minha relação e a dos estudantes com a arte e que, para estimular esse processo, a escola desempenha o papel do agente facilitador e o professor assume o papel de motivador, mediador e propositor desta proposta de ensino.

Mesmo sabendo que a relação entre a obra e o público pode ocorrer independente das visitas mediadas realizadas pelas escolas, observei que, para os estudantes da rede pública, é de suma importância o papel do professor em oportunizar e potencializar vivências que promovam contatos mais aprofundados dos estudantes com a arte. Proporcionando situações de aprendizagem que promovam discussões e reflexões acerca das visitas realizadas, apresentando no espaço escolar, inclusive para todo o seu público, as ações desenvolvidas a partir delas.

Partindo do meu ponto de vista enquanto docente, pude perceber alguns entraves para a realização da mediação cultural como prática de ensino, tais como: a ausência de transporte, o preparo do lanche, uma mediação realizada de forma rápida e, por vezes, superficial, a falta de apoio pedagógico para realizarmos a saída (incluindo a escolha das turmas para efetivarem a ação) e a reorganização do horário escolar para que nenhuma turma fique com o horário vago caso um professor saia da escola. Também cabe, aqui, citar que, em somatória aos entraves, por vezes, vivenciei situações em que me ausentar da escola para participar de algumas formações não era visto como uma oportunidade de estudo e de formação continuada, mas como um momento de lazer e descanso da rotina escolar. Pude perceber que ainda existe na escola um olhar para a saída do professor como um passeio aleatório, sem qualquer vínculo com a pesquisa, o estudo

ou a atuação em sala de aula, um fator que é contraditório, pois a própria instituição escolar pontua a necessidade de o professor inovar e buscar uma prática pedagógica estimuladora, na qual ele seja um agente reflexivo e dialógico, e não uma máquina transmissora de conhecimentos. Dessa forma, é necessário que o arte/educador valorize a sua área de conhecimento e invista na sua própria formação em busca da tomada de consciência de que, na atualidade, o conhecimento se constrói e se estabelece através das trocas dialógicas entre professores, alunos e comunidade escolar. Também penso que participar das formações pedagógicas estimula a ampliação do repertório artístico do professor de arte, possibilitando ações voltadas para a prática da mediação cultural, além de desconstruir práticas nas quais o professor se coloca como a única fonte de conhecimento artístico. Meu papel nesta pesquisa se coloca como o de uma professora propositora, uma vez que busco realizar na escola ações de mediação cultural e visio a desenvolver a curiosidade, a autonomia e a vontade do fruir em arte. Assim como também resulta na análise de uma professora reflexiva, pois ao instigar a apropriação dos bens culturais, analiso e repenso a minha prática docente, reformulando-a e entendendo-a como um gesto inacabado, uma forma aberta a mudanças de rumos e rotas.

Pelo viés da mediação cultural, é nessa direção que pretendo continuar minhas pesquisas futuras, seguindo nessa busca por estratégias que criem caminhos de aproximação da escola com a arte. Isto posto, retorno ao meu espaço de atuação, ainda na sala de vídeo, onde aviso que estamos encerrando nossa aula. Começo a organizar a sala e os equipamentos tecnológicos utilizados, enquanto os adolescentes conversam e guardam seu material. O sinal sonoro toca e meus alunos começam a sair. Espero todos irem embora. Pego meus materiais, desligo a luz e o ventilador, fecho a porta e me retiro,

porém, sem me esquecer de que na escola o professor deve ser sempre o último a sair.

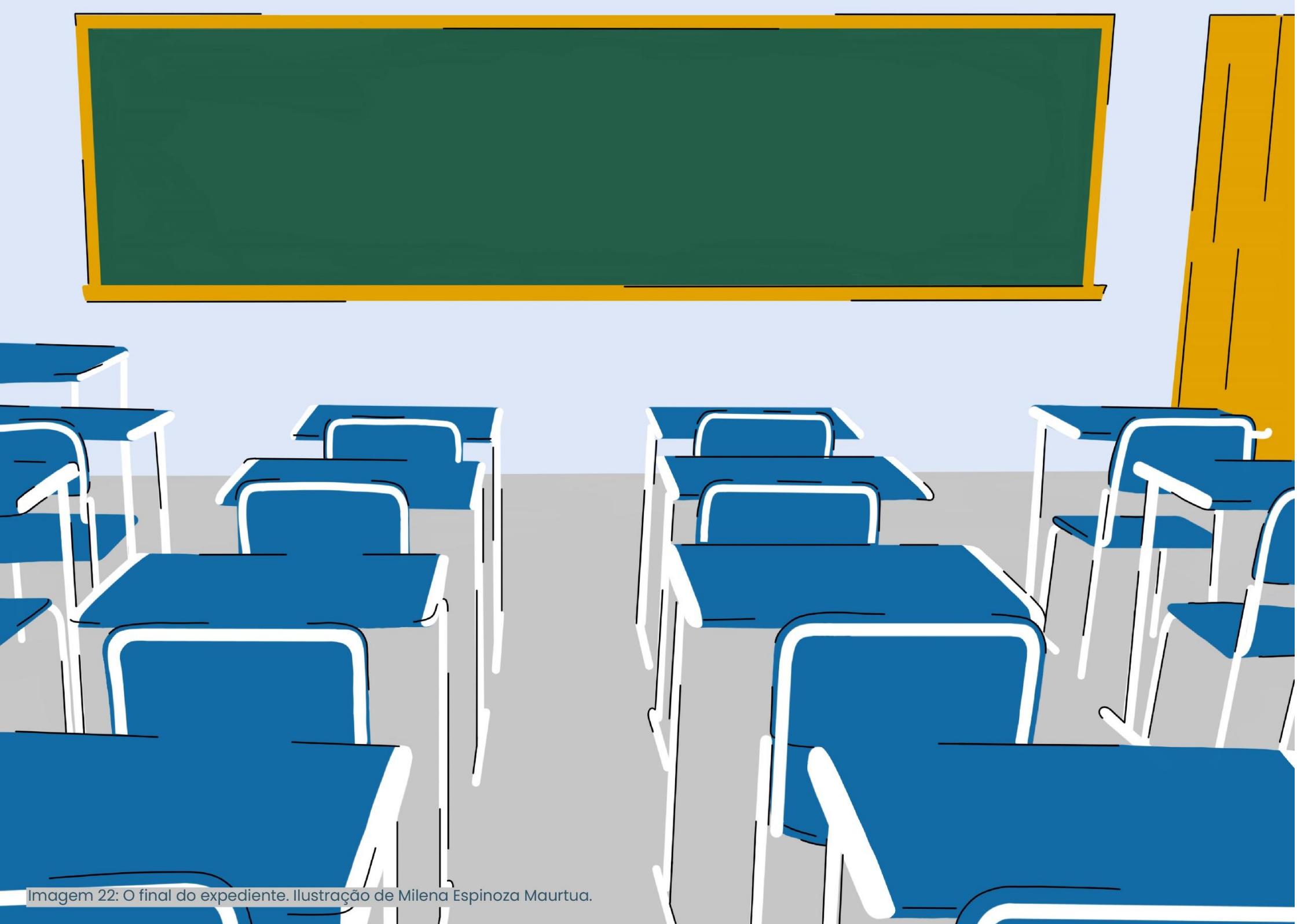


Imagem 22: O final do expediente. Ilustração de Milena Espinoza Maurtua.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1990.

ALENCAR, V. P. **O mediador cultural** – Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.) **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2008.

BORGES. Daniela. B. **Patrimônio afetivo e fotografia**: relicários da memória de idosos no asilo de mendigos de Pelotas. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Patrimônio). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. MEC. Brasília: A secretaria, 2001.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**. 2017. Disponível em:

<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/Lei%2013.415-2017?OpenDocument>. Acesso em: 21 set. 2019.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF, 2004. Disponível em:<https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

CARVALHO, C. *et al.* **Mediação cultural:** aproximação com a arte regional. EDUCERE, XII Congresso Nacional de Educação, Santa Catarina, 2015. p. 25722-25732.

COUTINHO, R. G. **Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural.** Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. São Paulo: UNESP, 2012.

COUTINHO, R. G.; KLAUS, J. S.; SCHLÜNZEN, E. T. M. (Org.). Artes. **Coleção temas de formação**, v. 5, São Paulo: Cultura Acadêmica, Universidade Estadual Paulista, Núcleo de Educação à Distância, 2013.

CENTRO CULTURAL VALE MARANHÃO. **O Brasil que merece o Brasil:** por Walter Firmo. Maranhão, mar/ jun. 2018, Catálogo Digital, p. 1-207.

DAYRELL, J. **A escola faz as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007. p. 1105-1128.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que arte-educação?** Campinas, São Paulo: Papirus, 2005.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação. **Currículo básico escola estadual.** Ensino Médio. Volume 1. Vitória: SEDU, 2009. Disponível em: <<https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Ensino%20M%C3%A9dio%20-%20Volume%2001%20-%20Linguagens.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Educação. **Currículo básico escola estadual.** Área de Linguagens: Arte e Educação Física. Vitória: SEDU, 2020. Disponível em: <<https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/documentos-de-transicao>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. Secretaria de Educação. **Currículo do Espírito Santo**. Área de Linguagens Componentes curriculares – Arte, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Educação Física. Vitória, 2018. Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curriculo_ES_Linguagens.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____. Secretaria de Educação. **Projeto político pedagógico**: EEEFM Judith da Silva Góes Coutinho. Superintendência Regional de Vila Velha. Vila Velha, 2015.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes Necessários à Prática Educativa. 25. ed. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto alegre: Artmed, 2003.

IABELBERG, R. Arte na educação, na vida e na memória dos professores. In: GONÇALVES, M. G. D.; REBOUÇAS, M. M. (Orgs.). **Modos de ser professor de arte**. Vitória: EDUFES, 2017. p. 17–32.

JOHANN, M. R.; RORATTO, L. J. A dimensão educativa da mediação artística e cultural: a construção do conhecimento através da apreciação na presença da obra. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 4, núm. 7, setembro, 2011.

KUPIEC, A.; NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **Antares: Letras e Humanidades**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 11. jan./jun., 2014.

KUPIEC A; NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. In.: **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016. p. 24-36.

MACHADO, D. C. M. **Mediação e contemporaneidade**: um estudo acerca da formação do mediador em exposições de arte contemporânea. 2019. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, M. C. Mediação: primeiros encontros com arte e cultura. In.: MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 23- 31.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NOVAES, B. **Desenho livre**. 2020. Disponível em: <<https://www.brunonovaes.com/desenholive>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

NOVAES, B. Entrevista concedida ao Paço das Artes. **O professor deverá ser o ultimo a se retirar, mesmo nos dias de chuva**. Disponível em: <<https://www.pacodasartes.org.br/temporadas/fd250f8/o-professor-devera-ser-o-ultimo-a-se-retirar-mesmo-nos-dias-de-chuva>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

_____. **O professor deverá ser o ultimo a se retirar, mesmo nos dias de chuva** . 2019. Disponível em: <<https://www.brunonovaes.com/oprofessordeveraserultimoaseretirarmesmonosdiasdechuva>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

NEITZEL, A. A.; CARVALHO, C. (Orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética**. Curitiba: CRV, 2016.

ORLOSKI, E. **O pescador e o professor – as jornadas da experiência**: uma abordagem sobre educação desde e para a experiência junto a estudantes de artes. 2015. 167 f. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2015.

PERES, D. T. Arte/educação: um pé no museu e um pé na escola: 25º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: **Arte seus espaços e/em nosso tempo**. Rio Grande do Sul, Porto Alegre: ANPAP, 2016. p. 272 – 281.

POUGY, E. G. P. **Poetizando linguagens, códigos e tecnologias**: a Arte no Ensino Médio. São Paulo: Edições SM, 2012.

RICHTER, I. M. In: XVII CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE/ EDUCADORES DO BRASIL: **FAEB 20 anos de História**. Florianópolis, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/ivone.pdf> >. Acesso em: 23 nov. 2019.

ROCHA, J. Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea – Similitudes e enfrentamentos entre metodologia e conteúdo. IN: 27º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: **Práticas e contratações**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2208-2223.

_____. **Reflexões sobre o meio**: O espaço entre a Escola e o Museu de Arte Contemporânea. 2015. 495 f. Tese (Doutorado em Educação Artística). Universidade do Porto, Porto, 2015.

_____. **A temporalidade da mediação:** reflexões acerca das ações educativas. 2009. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOARES, A. F. C.; NEITZEL, A.A.; CARVALHO, C. A potência cultural da escola: estudos sobre mediação e formação estética. In.: **Mediação cultural, formação de leitores e educação estética.** Curitiba: CRV, 2016. p. 53-66.

ANEXO A – Roteiro de planejamento escolar.

